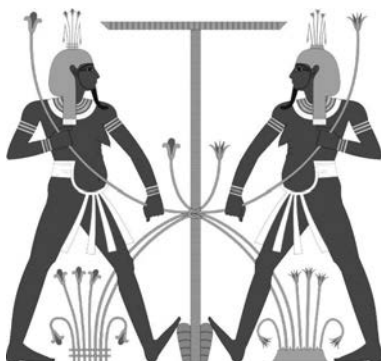


# Hapi

Director:  
**Telo Ferreira Canhão**

Número 5



Lisboa, Novembro de 2017



# Doenças, medicina e magia

**José das Candeias Sales**

Universidade aberta; CHUL

Jose.Sales@uab.pt

**Resumo:** As informações directas e indirectas sobre as doenças no antigo Egipto surgem-nos através de representações artísticas (estelas, esculturas, baixos-relevos, pinturas), que nos mostram determinadas patologias, de papiros médicos, que congregam inúmeros elementos sobre os exames, os diagnósticos, os prognósticos e as terapêuticas usadas, de textos literários, que ocasionalmente fazem alusões a práticas e cuidados de saúde, e de estudos e análises diversos realizados hodiernamente em múmias e esqueletos. A partir delas, é possível estabelecer uma panorâmica sustentada sobre as principais doenças que afligiam os habitantes do Vale do Nilo, sobre o funcionamento da antiga medicina egípcia, que combinava tratamentos racionais com tratamentos mágicos, e sobre os técnicos de cura envolvidos (*sunu*, sacerdotes *uab* e *sau*).

**Palavras-chave:** saúde, doenças, medicina, médicos, magia.

**Abstract:** *There is a direct and indirect information about diseases in ancient Egypt in artistic representations (such as steles, sculptures, bas-reliefs, paintings) that depict certain pathologies, in medical papyri, that congregate innumerable elements on the examinations, the diagnoses, prognoses and therapeutics used, in literary texts that occasionally refer healthcare practices and in various studies and analyses carried out nowadays in mummies and skeletons. From all these sources, it is possible to establish a well-grounded overview of the major diseases afflicting the inhabitants of the Nile Valley, of the functioning of ancient Egyptian medicine, which combined rational treatments with magical treatments, and of the healers involved (swmw, wab-priests and saw).*

**Keywords:** *health, diseases, medicine, physicians, magic.*

Quando evocamos a temática da saúde, da medicina ou das práticas curativas para o antigo Egípcio, pensamos, de imediato, quase inconscientemente, nas suas práticas em torno do processo de preservação e mumificação dos corpos dos mortos, com a mandatária remoção das vísceras do tórax e da cavidade abdominal (pulmões, fígado, pâncreas, estômago, baço e intestinos)<sup>1</sup>, na intrínseca e forte influência e associação com os procedimentos mágicos, fórmulas, invocações e encantamentos (autênticos meios paramédicos) que denotam como a medicina egípcia era dominada pelo sobrenatural<sup>2</sup> e, talvez, num grau menor, nos diagnósticos das doenças e nos tratamentos para elas propostos, tal como nos aparecem cuidadosamente expostos em conhecidos papiros médicos (ex.: *Papiro Edwin Smith*, *Papiro Ebers*, *Papiro Hearst*, *Papiro de Kahun*, *Papiro de Brooklyn*, *Papiro de Berlim*, etc.)<sup>3</sup>.

De facto, graças às suas crenças e práticas funerárias, os antigos Egípcios desenvolveram, muito cedo na história da humanidade, alguns conhecimentos de anatomia e de fisiologia, como deixam perceber alguns termos usados nos papiros médicos, com vista a garantirem a eternidade dos seus faraós no Além através da mumificação artificial dos seus corpos, embora nem sempre o funcionamento geral dos órgãos e dos sistemas que conheciam e a relação entre eles estejam conformes ao que a moderna medicina estipula, para não dizer mesmo que, na maioria das vezes, estão simplesmente incorrectos<sup>4</sup>. Paralelamente, desenvolveram alguns conhecimentos de patologia, postos ao serviço do diagnóstico e do tratamento de várias doenças ou complicações com que se deparavam: fracturas ósseas, entorses, luxações,

1 - Cf. I. SHAW, P. NICHOLSON, «Mummification», em *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, 1995, Londres: British Museum Press, pp. 190-192; C. HOBSON, *Exploring the world of pharaohs. Complete guide to ancient Egypt*, London: Thames & Hudson, 1987, pp. 152-154; J. H. TAYLOR, *Death & the afterlife in ancient Egypt*. London: The British Museum Press, 2001, pp. 46-49, 54, 55.

2 - Cf. A. ERMAN, H. RANQUE, H. *La Civilisation Égyptienne*, Paris: Payot, 1976, p. 459.

3 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, London: The British Museum Press, 1996, pp. 25-41; M. FAYAL, *Ancient Egyptian Medicine*, Cairo, 2006, pp. 10-12; I. SHAW, P. NICHOLSON, «Medicine», em *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, p. 176. Os papiros são a mais antiga fonte escrita de medicina. Escritos em hierático mais do que em hieroglífico, representando um lapso cronológico de mais de dois milénios, de c. 1850 a.C. ao século II, são categorizados de acordo com o seu conteúdo, podendo um mesmo tratado ser incluído em mais do que uma categoria: papiros de medicina geral (*Papiro Ebers*, *Papiro de Londres BM 10072*, *Papiro de Berlim*, *Papiro de Leiden*, *Papiro Hearst*, *Papiro de Crocodilópolis*), papiros cirúrgicos (*Papiro Edwin Smith*), papiros ginecológicos (*Papiro de Kahun*, *Papiro Carlsberg VII*, *Papiro Ramesseum III, IV*), papiros sobre doenças do recto (*Papiro Chester Beatty VI*), papiros mágicos (*Papiro de Londres BM 10059*, *Papiro de Leiden*, *Papiro Ramesseum III e IV*), papiros oftalmológicos (*Papiro Ramesseum III*), papiros pediátricos (*Papiro Ramesseum III e IV*), J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 25; M. FAYAL, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 10-12. É necessário enquadrar devidamente as informações constantes nestes papiros, percebendo, desde logo, que eles não eram manuais de medicina, mas sim recolhas de informações de carácter medicinal, que, sem complexos, misturam descrições de sintomas e prescrições médicas com sortilégios mágicos, num eclectismo intelectual inerente à actividade curativa, segundo o entendimento que dela tinham os antigos Egípcios (Cf. P. GHALIOUNGUI, «La notion de maladie dans les textes égyptiens et ses rapports avec la théorie humorale», em *BIFAO* 66, 1968, p. 38).

4 - Cf. S. ADU-GYAMFI, «Ancient Egyptian Medicine: a systematic review», em Bogdan Popoveniuc, Marius Cucu (eds.), *Philosophy, Social and Human Disciplines Series*, volume II. Learning from the Past and Present, Suceava: Universitatii «Ștefan Cel Mare», 2015, p. 13; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 43, 54.

mordeduras de serpentes e escorpiões, infecções, abscessos dentários, etc. Alguns dos seus agentes dedicavam-se ao que hoje chamamos de Medicina, prestando auxílio aos doentes, administrando mezinhas e remédios (*phrt, pekheret*) para acalmar as dores (*3hw, ahu*) e o sofrimento, reconhecendo que todos tinham uma origem sobrenatural, oculta.

Como revelam os papiros Edwin Smith e Ebers, os antigos Egípcios tinham realmente um conhecimento rudimentar do sistema circulatório, que denominavam *uekhedu* (*wḥdw*), concebido como uma rede de canais, intercomunicáveis, cujo centro era o coração, que se distribuía por cada um dos órgãos e por todas as partes do corpo. Elaboraram em seu redor toda uma teorização racional, quase científica, considerando que dentro do sistema fluía sangue (*senef*), água, ar e resíduos corporais corruptivos. As doenças surgiam e derivavam de obstruções nos canais internos, tal como a água não chegava aos campos quando os canais de irrigação estavam obstruídos. A noção deste sistema *wekhedu*, de corrupção natural e destrutiva, constituiu, portanto, uma teoria abrangente da doença, fornecendo explicações racionais para o seu aparecimento, para o envelhecimento do organismo e para a própria morte, com fortes implicações, em consequência, na dieta alimentar preconizada, nas técnicas médicas usadas e nas operações de mumificação dos corpos dos defuntos praticadas<sup>5</sup>.

O sistema circulatório concebido pelos antigos Egípcios permitia lidar com várias manifestações das doenças: as bolhas ou pus nas feridas, por exemplo, eram interpretados como excesso de *wekhedu* no organismo, o que obrigava à sua eliminação, com o objectivo de alcançar uma boa saúde. Assim, para evitar a acumulação dos agentes corruptores, o médico recomendava frequentemente purgas e clisteres. Só dessa forma se evitaria que os vasos se enchessem de resíduos, provocando o envelhecimento e a falência dos órgãos. A obstrução ou bloqueamento dos vasos corporais era considerada altamente perigosa para a saúde do indivíduo. Era, porém, impossível impedir a acumulação natural durante toda a vida, nomeadamente devido às substâncias malignas que a ingestão de alimentos e bebidas introduzia no organismo, e, por isso, a morte acabava por triunfar sobre o homem. No âmbito das concepções existenciais egípcias, no momento da mumificação era ainda possível, *in extremis*, drenar fluidos corporais do *wekhedu* e remover órgãos mais permeáveis aos resíduos alimentares. Daí a extracção obrigatória dos intestinos (*k3b, kab*), estômago (*r-ib, ra-ib*), fígado (*mist, miset*), pulmões (*sm3, sma*) e cérebro (*mm, amem*)<sup>6</sup>.

Concomitantemente, os Egípcios acreditavam na acção e influência de entidades sobrenaturais, divinas, como a deusa Sekhmet, por exemplo, divindade com cabeça de leoa, relacionada com as doenças e as curas, abundantemente invocada, pedindo-se-lhe o restabelecimento dos doentes, tão rápido quanto possível, no âmbito de um plasma cultural claramente favorável ao ultranatural e ao mágico. A magia, outra componente derivada da vertente mais supersticiosa da religiosidade dos antigos Egípcios, estava também presente nos assuntos

---

5 - Cf. R. K. RITNER, «Innovations and Adaptations in Ancient Egyptian Medicine», em *JNES*, vol. 59, nº 2, 2000,, p. 114.

6 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 65; R. K. RITNER, «Innovations and Adaptations in Ancient Egyptian Medicine», p. 115.

de saúde. Os próprios papiros médicos incluíam parágrafos com encantamentos e fórmulas destinadas a ajudar na eficácia das terapêuticas recomendadas. Os homens do Nilo não só atribuíam a causa das doenças a forças sobrenaturais (o ar húmido da noite, ventos malignos, génios maléficos) como, para ampliar os efeitos curativos dos produtos naturais, os acompanhavam de esconjuros mágicos que a tradição desenvolvera e fixara e em cujos resultados acreditavam. Os encantamentos mágicos eram componentes da terapêutica. A magia não era, por isso, dispensada no ataque aos males das doenças.

Uma visão ajustada do fenómeno da medicina no antigo Egipto deve, pois, contemplar espaço considerável para a acção e interacção de empirismo, especulação, medicamentos sem comprovada eficácia, crença e magia.

### Terapêutica medicamentosa

O reino vegetal fornecia a maior parte das drogas usadas pelos antigos Egípcios com fins medicinais. Na *Odisseia*, o Egipto é destacado justamente devido à riqueza das suas plantas medicinais: «É uma terra fecunda, que gera muitas ervas, umas nocivas e outras curativas, devidamente misturadas. Aí, cada homem é um médico» (Homero, *Odisseia*, IV, 229-232). Esta ideia de que os Egípcios eram consumados *experts* na cura de todo o tipo de enfermidades e o fascínio pelas enormes possibilidades da farmacopeia egípcia resultantes da abundante e variada produção de plantas, encontra-se praticamente em todas as obras dos primeiros tempos de contacto dos Gregos com o Egipto<sup>7</sup>.

Sobre os fármacos egípcios de origem vegetal (sementes, raízes, plantas, árvores e frutos) mencionados nos papiros médicos encontram-se referências às flores de lótus (em egípcio *sšn, sechen*), boas para «tratar do fígado» e «para as obstruções no lado direito do ventre», às flores e aos rizomas do lótus-azul (*Nymphaea caerulea*), do lótus-rosa (*Nymphaea nucifera*) e do lótus-branco (*Nymphaea lotus*), plantas *nymphaea* com efeitos narcotizantes, às sementes da papoila *Papaver somniferum L.*, isto é, a planta do ópio (em egípcio *špn, chepen*), que vinha de Chipre, usada pelos antigos Egípcios como sedativo, nomeadamente para acalmar o choro das crianças, à mandrágora (*Mandragora officinarum L.*, em egípcio *rrmt, reremet*), usada como a mesma finalidade e também contra as picadas de insectos, às folhas de papiro (*Cyperus papyrus*, em egípcio *mehyt*) cozidas, usadas no tratamento de queimaduras, aos frutos do sicómoro (*Ficus sycomorus L.*, em egípcio *nht, nehet*), planta sagrada egípcia, às tâmaras (*Phoenix dactylifera L.*, em egípcio *bnrit, beneret*) e aos bagos de uva (*Vitis vinifera L.*, em egípcio *wnši, uenchî*), ao alho (*Allium sativum L.*, em egípcio *h̄tn, kheten*) e à simples cebola (*Allium cepa L.*, em egípcio *h̄dw, hedju*), usada contra o veneno (*mtwt, metut*) das mordeduras de serpente e no tratamento de problemas digestivos e ginecológicos<sup>8</sup>.

7 - Cf. N. H. ABOELSOU, «Herbal medicine in ancient Egypt», em *Journal of medicinal Plants Research*, vol. 4 (2), 2010, pp. 82-86.

8 - Ver tabelas de vegetais, plantas dos pântanos, frutas, especiarias e ervas egípcias, bem como referências aos remé-

Além das substâncias vegetais, os papiros médicos mencionam também fármacos à base de produtos de origem mineral, onde se destacam o lápis-lazúli (*hsbd, khesebed*), o sal (*hm3t, hemat*), o natrão (*hsmn, hesmen*), o gesso (*im, im*), a malaquita (*w3dw, uadju*) e a galena (*ms-dmt, mesdemet*)<sup>9</sup>, e de origem animal (leite, mel, gordura animal, excrementos<sup>10</sup>, sangue, placenta, fígado, bilis para as doenças oftálmicas<sup>11</sup>, carne para feridas, etc.)<sup>12</sup> usados para vários fins, de acordo com o conhecimento empírico que havia das suas propriedades terapêuticas<sup>13</sup>.

No total, a partir dos papiros médicos podem apontar-se mais de 700 nomes de medicamentos, onde se podem identificar 160 espécies diferentes de plantas, 24 de animais e 28 de minerais, muitas vezes utilizados no âmbito de um contexto de práticas mágico-religiosas<sup>14</sup>. Cerca de 20 % das plantas medicinais egípcias estão identificadas de forma segura ou tentada<sup>15</sup>. Subsistem, todavia, obviamente, muitas receitas com ingredientes desconhecidos ou

---

dios de origem vegetal e às suas propriedades farmacológicas em J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 14, 15, 151-161, 215-216; cf. também M. FAYAL, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 139, 140; L. MANNICHE, *An ancient Egyptian herbal*, Cairo: The American University in Cairo Press, 2006, pp. 64, 65, 77, 109, 141, 163. Se o uso da mandrágora, como sedativo e analgésico é quase consensual, o mesmo não se verifica em relação ao conhecimento do ópio antes da XVIII dinastia (cf. SULLIVAN, «The Identity and Work of the Ancient Egyptian Surgeon», em *Journal of the Royal Society of Medicine* 89, 1996, p. 472; N. G. BISSET, J. G. BRUHN, S. CURTO, B. HOLMSTEDT, U. NYMAN, M. H. ZENK, «Was opium known in 18th dynasty ancient Egypt? An examination of materials from the tomb of the chief royal architect Kha», em *Journal of Ethnopharmacology*: vol. 41, Issues 1-2, 1994, pp. 99-114).

9 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 145-148. A utilização da *uadju* (malaquita verde) e da *mesdemet* (galena) pelos antigos Egípcios para proteger os olhos, que as abundantes representações artísticas bem salientam, não tinha apenas intenções estéticas, a vertente sensorialmente mais apelativa, mas também importantes propriedades curativas. Os produtos de origem mineral eram usados nomeadamente em fumigações. Sobre a utilização de plantas em várias prescrições médicas egípcias, ver H. ABOELSOU, «Herbal medicine in ancient Egypt», pp. 84, 85.

10 - A utilização de excrementos (urina, *ws3t, ueseshet*, e fezes, *hsw, hesu*), animais e humanos, era muito frequente na farmacopeia egípcia como denotam muitos papiros médicos (Cf. C. COUCHOU, «Pharmacopée excrémentielle dans les Papyrus Médicaux de l'Époque Pharaonique», em *Bulletin du Cercle lyonnais d'égyptologie Victor Loret* 7, 1993, pp. 25-38).

11 - Especificamente entre a farmacopeia oftálmica egípcia podem citar-se uma série de diferentes substâncias: a mirra, o incenso, o pó de cedro e de sicómoro, as gomas de acácia, a cinza das tâmaras, a cebola, a rosa e o açafreão (vegetais); gordura de pato ou de porco, mel, sangue e bilis de animais (ex.: de hiena, de peixe, de porco) e os miolos de tartaruga (animal); sulfato de cobre, óxido de cobre, sal marinho, antimónio, nitrato de potassa, os sais de chumbo, o óxido de zinco, a hematite, o alumínio, o pó de lápis-lazúli e a nafta (minerais). No caso das substâncias minerais acrescenta-se que muitas delas são ainda hoje usadas pela medicina moderna (Cf. M. A. DOLLFUS, «L'ophtalmologie dans l'ancienne Égypte», em *BSFE* 49, 1967, pp. 19, 20).

12 - Cf. A. ERMAN, H. RANKE, *La Civilisation Égyptienne*, p. 466; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 148-150. No caso do leite, usava-se o de vaca, o de burra e até o de mulher, como veículo para outros componentes ou simples para tratar, por exemplo, afecções oftálmicas e cutâneas. Aplicado externamente, o mel era usado também para curar feridas e úlceras. Além disso, é altamente resistente ao crescimento bacteriano.

13 - Cf. C. ROSSI, «Science and Technology: Pharaonic. 4. Medicine», em Alan B. Lloyd (ed.), *A Companion to Ancient Egypt*, vol. I, Wiley-Blackwell, 2010, p. 399.

14 - Cf. R. K. RITNER, «Innovations and Adaptations in Ancient Egyptian Medicine», p. 113; J. R. PITA, *História da Farmácia*, Coimbra: Minerva, 2007, pp. 29, 30.

15 - R. K. RITNER, «Innovations and Adaptations in Ancient Egyptian Medicine», p. 113.

não identificáveis para nós hoje, embora também muitos outros sejam bastante familiares para os modernos farmacêuticos pelas suas diversas propriedades.

Os medicamentos eram preparados em soluções bebíveis, inaláveis ou para engolir diretamente. Entre os veículos utilizados encontram-se com frequência a água (*mw, mu*), o vinho (*irp, irep*), a cerveja (*hnkt, henket*), o mel (*bit, bit*), o leite (*irtt, irtet*) de diversos animais, diversas gorduras animais e óleos vegetais (*mrht, merhet*), como azeite, óleo de amêndoas, de sésamo e de rícino<sup>16</sup>. Também se usavam clisteres, supositórios, emplastos, ligaduras e unguentos à base de produtos naturais. Genericamente, portanto, os medicamentos eram administrados por via interna ou externa e de forma preventiva (medicina Preventiva) ou terapêutica (medicina Curativa). A dieta, o repouso, as purgas e os jejuns eram igualmente preconizadas como formas de retemperar as forças e a saúde.

Quanto aos tratamentos sintomáticos destinados a atenuar as dores da boca e dos dentes e aos medicamentos usados para o efeito, os papiros médicos dão-nos várias indicações: como «remédio para atacar as doenças da boca» recomendam-se preparações à base de plantas, de frutos e de terra da Núbia (tratamento n.º 122 do *Papiro Ebers*)<sup>17</sup>; para «fortalecer os dentes», a fórmula n.º 739 do mesmo papiro compreende farinha de trigo, terra e mel. Outras fórmulas (ex. n.º 742 e n.º 749) mencionam a resina de terebinto e a colóquintida (*Cucumis colocynthis*) que, pela sua acção adstringente e descongestiva e utilização durante períodos mais ou menos alargados de tratamento (4 dias), ajudavam na sedação da dor de dentes.

## Doenças

A análise de múmias e esqueletos (através de modernos exames radiológicos, de xerorradiografia, de tomografia axial computadorizada, de sistemas de endoscopia, microscopia electrónica e de ressonância magnética, histológicos, de sangue e de ADN, de reconstruções tridimensionais, além da própria dissecação de múmias e esqueletos)<sup>18</sup>, a observação atenta de inúmeras representações artísticas, em vários suportes, elaboradas pelos próprios Egípcios

---

16 - Cf. J. R. PITA, *História da Farmácia*, p. 30; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 140.

17 - Cf. J.-C. SCHWARZ, «La médecine dentaire dans l'Égypte pharaonique», em *BSEG* 2, 1974, p. 40.

18 - Cf. M. FAYAL, *Ancient Egyptian Medicine*, pp.12-14; K. O. FRITSCH, «The Orthopedic Diseases of Ancient Egypt», em *The Anatomical Record* 298, 2015, pp. 1036–1046. Sobre a moderna tecnologia científica colocada ao serviço do estudo das doenças do antigo Egipto, nomeadamente os Raios-X, a Ressonância Magnética Nuclear (RMN), a Xerorradiografia, a Tomografia Axial Computorizada (TAC), os estudos microscópicos, nutricionais, genéticos (ADN e ADN<sub>m</sub> – mitocondrial) e outros, todos desenvolvidos sob o lema da máxima extracção de informação com a menor destruição dos materiais, ver J.E. ADAMS, C. W. ALSOP, «Imaging in Egyptian mummies», em A. Rosalie David (ed.), *Egyptian Mummies and Modern Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, pp. 21-42; M. JUANEDA-MAGDALENA GABELAS, «La moderna tecnología científica al servicio de las enfermedades del Egipto del pasado», em *Boletín Informativo de Amigos de la Egiptología*, año VII, 2009, pp. 12-17; M. JUANEDA-MAGDALENA GABELAS, «La Paleopatología en Egipto: pasado y presente», em *Amigos de la Egiptología en línea*, 2001 (<http://amigosdelantiguoejipto.com/?p=291>). Cf. também J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 65,66.

ao longo das várias épocas da sua longuíssima história, as informações registadas nos papiros médicos que congregam inúmeras elementos sobre a condição clínica do doente (os exames, os diagnósticos, os prognósticos e as terapêuticas usados), e os textos literários de carácter geral, que, ocasionalmente, fazem alusões a práticas e cuidados de saúde, permitiram estudar e determinar as principais doenças dos antigos Egípcios e dividi-las basicamente em doenças adquiridas (as mais frequentes eram as que se relacionavam com o meio envolvente) e em doenças congénitas (adquiridas antes do nascimento ou mesmo posteriores, no primeiro mês de vida, incluindo aquelas caracterizadas por deformações ou malformações estruturais).

Esta categorização não permite obviamente, no contexto do presente trabalho, expor todas as doenças evidenciadas pelo estudo da problemática da saúde no antigo Egipto, sobre o qual, aliás, ainda persistem áreas de dúvida e de debate entre os especialistas, mas mostra-se suficientemente operatória para fornecer uma panorâmica consistente da mesma<sup>19</sup>.

## Doenças adquiridas

No que diz respeito às primeiras (doenças adquiridas) são de destacar, desde logo, as resultantes da água do Nilo, por ingestão ou por contacto directo. De facto, o Nilo como fonte de água potável era também, ao mesmo tempo, uma fonte contínua de microrganismos que se reproduziam na água, nocivos à saúde humana, e que eram sistematicamente ingeridos. Entre as doenças hídricas que afectavam os antigos Egípcios provocadas por parasitas basta referir, entre outras, a dracunculose (ou doença do verme-da-guiné, DVG) e a billharziose (esquistossomose)<sup>20</sup>.

A dracunculose (*Dracunculus medinensis*, chamada nos papiros egípcios *aaa*), seria uma doença muito comum, contraída directamente bebendo água contendo copépodes (minúsculos crustáceos) infectados. Uma múmia examinada pelo Manchester Museum Mummy, data de c. do ano 1000 a. C., revelou um verme calcinado na cavidade abdominal<sup>21</sup>. As larvas são libertadas pelo parasita nos intestinos do hospedeiro humano, disseminando-se depois pelos tecidos do corpo, onde atingem a maturidade e o acasalamento, podendo o processo durar mais ou menos um ano. As larvas-macho têm apenas 2 cm, morrendo após impregnação da fêmea. As larvas grávidas migram para o tecido subcutâneo, provocavam dolorosas bolhas, podendo atingir entre 80 cm e 1 m, furando então a pele do tornozelo, formando uma úlcera, vindo a depositar os seus ovos na água quando os pés do hospedeiro estão imersos. Os ovos são ingeridos pelas pulgas-da-água, no interior das quais as larvas se desenvolvem até o estágio infeccioso, aguardando ingestão pelo próximo hospedeiro humano.

---

19 - A categorização por nós escolhida para este nosso trabalho não esgota naturalmente outras possibilidades de exposição: doenças degenerativas, doenças provocadas por parasitas, doenças virais ou bacterianas, doenças dos órgãos internos, deformidades, desordens nutricionais, endócrinas e metabólicas, etc.

20 - Além destas duas doenças, J. F. Nunn alude também ao *Filaria Onchocerca*, ao *Strongyloides*, ao *Ascaris lumbricoides*, ao *Taenia saginata* ou *Taenia solium* e ao *Plasmodium*, parasita da malária (Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 71-73).

21 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 70.

É possível remover o verme-fêmea (verme-*hereret*) do corpo humano, mas este procedimento é particularmente lento e perigoso, pois se o verme for quebrado pode provocar um conjunto de sérias infecções secundárias. A múmia analisada em Manchester, em que se encontrou um verme macho calcificado, tinha a perna direita amputada acima do joelho e a perna esquerda abaixo do joelho, o que sugere que a perda das pernas foi resultado das eventuais tentativas de remoção terem sido mal sucedidas<sup>22</sup>.

A bilharziose é uma infecção adquirida por imersão em águas que contenham cercárias, isto é, as formas larvares multicelulares, com caudas bifidas, que abandonam o caracol aquático e penetram a pele dos seres humanos ou entram pelas mucosas (boca e esófago após ingestão da água), pelo ânus ou pelo aparelho genital. É produzida por dois parasitas do género *Schistosoma* (o *mansoni*, que se manifesta no âmbito das diarreias, e o *haematobium*, num quadro de hematúria urinária) que têm no homem o hospedeiro final. O verme macho adulto tem cerca de 1 cm de comprimento e a fêmea tem cerca do dobro, mas é muito mais fino. Entrados no organismo humano, as larvas adultas, através das veias, chegam aos pulmões, ao coração, ao fígado, à bexiga e ao recto. O amadurecimento do verme ocorre no fígado e os ovos depositados ulceram através da bexiga, com sangue, passando à urina, de forma que o principal sintoma da doença é justamente a hematúria urinária, isto é, sangue na urina. A perda continuada de sangue causa anemia severa, graves infecções urinárias, enorme cansaço e lassidão, perda de apetite, infertilidade feminina e uma debilidade geral do organismo, diminuindo extraordinariamente a sua resistência a outras doenças e podendo causar a morte<sup>23</sup>.

Eliminados pelas fezes (no caso do *S. mansoni*) ou pela urina (no caso do *S. haematobium*), os ovos, em contacto com a água, libertam os miracídios que nadam livres até encontrar um caracol aquático, penetrando-o. Dentro do caracol, os miracídios desenvolvem novos esporocistos, produzindo grande quantidade de cercárias, que voltam a escapar-se para a água para procurar um novo hospedeiro humano e, assim, iniciar outro ciclo. O desenvolvimento da irrigação no Egipto favoreceu enormemente esta infecção e a sua disseminação, sendo os casos do período faraónico os mais antigos da História<sup>24</sup>. Na múmia ROM 1 (Nakht, Império Novo) foi encontrado um ovo calcificado de um parasita de

22 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 70.

23 - Cf. M. A. RUFFER, «Notes on the presence of *Bilharzia Haematobia* in Egyptian mummies of the 20<sup>th</sup> dynasty», em *British Medical Journal* 1 (2557), 1910, p. 16; G. CONTIS, A. R. DAVID, «The epidemiology of bilharzia in ancient Egypt: 5000 years of schistosomiasis» em *Parasitology Today* 12, 1996, pp. 253-255. Uma atestação da infecção de bilharziose e das suas consequências foi encontrada na autópsia da múmia de Ramsés V que, além da pele castigada pela varíola, apresenta sinais de ginecomastia, dilatado saco escrotal e hérnia umbilical, ou seja, tudo complicações resultantes da bilharziose (cf. R. SULLIVAN, «A brief journey into medical care and disease in Ancient Egypt», em *Journal of the Royal Society of Medicine*, vol. 88, 1995, p. 143; C. REEVES, *Egyptian Medicine*, Buckinghamshire: Shire Publications Ltd., 1992, pp. 34, 35).

24 - Cf. H. KLOOS, R. DAVID, «The Paleoepidemiology of Schistosomiasis in Ancient Egypt», em *Ecology Review*, vol. 9, n.º 1, 2002, p. 14. No caso da variante *Mansoni*, o órgão mais afectado era o fígado. Tal como na Antiguidade, nos modernos casos de infecções do género *Schistosoma* os parasitas que se desenvolvem nas águas estagnadas, canais, lagos e afluentes podem provocar lesões hepáticas.

esquistossomose, bem como pelo Manchester Mummy Project em várias múmias dos períodos tardios da história antiga egípcia<sup>25</sup>.

A poliomielite é uma doença adquirida, altamente contagiosa, transmitida de pessoa a pessoa, principalmente por via oral-oral (fonte orofaríngea) ou via fecal-oral (fonte intestinal), através da ingestão de alimentos ou água contaminados (contaminação fecal da água e de alimentos). O vírus (*poliovírus*, PV) vive no intestino, atacando as células nervosas e musculares causando atrofia dos nervos e daí a paralisia. Uma estela da XVIII ou XIX dinastia, hoje na Ny Carlsberg Glyptotek, em Copenhaga (A.E.I.N. 13Y; 27 cm de altura por 18 cm de largura), representa um homem chamado Roma, acompanhado por uma mulher e uma criança que a inscrição diz serem a sua mulher, Timia, e o seu filho Pthahemheb. O homem apresenta uma visível atrofia dos músculos da perna direita (extremamente fina) devido a uma infecção viral na infância. Além de lhe ter atacado a perna esquerda, a poliomielite provocou-lhe também uma atrofia do pé esquerdo (pé equino, *talipes equinovarus*), que o forçava a apoiar-se nos dedos do pé e num longo cajado para caminhar. A deficiência física não o impediu, todavia, de ofertar directamente aos deuses, diante de uma mesa de oferendas, e de ser sacerdote da deusa Astarte. Roma é considerado a mais antiga vítima documentada de poliomielite.

Também uma múmia com a perna esquerda mais curta encontrada num cemitério em Dechacha (Império Antigo), a de Khnumunakht, da XII dinastia, com várias deformações, e a do faraó Siptah, da XIX dinastia, com deformação do pé, mostram igualmente sinais evidentes de poliomielite<sup>26</sup>.

A julgar pelas informações, tratamentos e prescrições constantes nos papíros médicos, a ingestão de água esteve também na base de muitos transtornos estomacais e problemas intestinais com que os habitantes do Egípto se debateram.

Também o ar/a poeira estava entre os



Fig. 1. Poliomielite no antigo Egípto. Visível atrofia muscular da perna direita do sacerdote Roma (estela da XVIII ou XIX dinastia. Ny Carlsberg Glyptotek, Copenhaga - A.E.I.N. 13Y)

Fig. 2. Perna esquerda da múmia do faraó Siptah (XIX dinastia).

25 - M. FAYAL, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 76-78; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 68, 69; cf. H. KLOOS, R. DAVID, «The Paleoeidemiology of Schistosomiasis in Ancient Egypt», p. 16. Utilizando a tomografia computadorizada (TC), a microscopia electrónica de varredura (SEM), a enzima ligada aos ensaios imunossorventes (ELISA) e a imunocitoquímica, o Manchester Mummy Project desenvolveu um programa de estudo da paleoeidemiologia da esquistossomose no antigo Egípto (Cf. H. KLOOS, R. DAVID, «The Paleoeidemiology of Schistosomiasis in Ancient Egypt», p. 17). A bilhaziose persiste como um problema de saúde pública no Egípto hodierno.

26 - Cf. M. FAYAL, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 172; C. KOZMA, «Skeletal dysplasia in Ancient Egypt», em *American Journal of Medical Genetics*, part A, vol. 146 A, issue 23, 2008, p. 3108.

agentes patogénicos ou infecciosos das doenças adquiridas<sup>27</sup>. A enorme quantidade de poeira/areia do deserto permanentemente no ar tinha, evidentemente, implicações directas nas doenças oftalmológicas e respiratórias a que vários papiros médicos dedicam muita atenção (ex.: *Papiro Ebers*, *Papiro Hearst*, *Papiro Edwin Smith*). Entre as doenças dos olhos, as conjuntivites e as cataratas ocuparam um lugar de destaque. A conjuntivite granulosa (também chamada tracoma, *Chlamydia Trachomatis*, ou conjuntivite egípcia) podia provocar a cegueira (*šrw, charu*)<sup>28</sup>. Há muitas representações de cegos egípcios (ex.: muitos dos harpistas representados na arte parietal egípcia eram cegos). Propagadas pela finíssima areia do deserto e pelo pó que havia no ar, pela luz solar, pelos enxames de moscas, pela ausência de higiene mínima e pela sujidade omnipresente, as doenças oftalmológicas afectavam particularmente os camponeses. Numa aldeia rural seria frequente encontrar pessoas de olhos remelosos, zarolhas, cegas, com pálpebras inflamadas e supuradas.

As dores, ardor e comichões nos olhos, as inflamações das pálpebras e do bordo das pálpebras (blefarite crónica e cíclica), o calázio ou chalázio (pequenos quistos ou nódulos benignos nas pálpebras), as úlceras córneas (*šhd nw irti, sehedju nu irty*), a triquíase (alteração dos cílios), a turvação da visão, a astenopia acomodativa («o olho que se recusa a ver», como referem os papiros), a cegueira nocturna (por falta de vitamina A), as cataratas («a subida da água nos olhos», também na expressão dos textos medicinais egípcios) e naturalmente as conjuntivites, incluindo o mencionado tracoma, isto é, a conjuntivite granulomatosa, estavam entre as doenças dos olhos que afectavam os antigos Egípcios, combatidas com toda a espécie de unguentos vegetais, minerais e animais<sup>29</sup>.

Há também numerosas múmias cujas radiografias e análises mostram os pulmões repletos de pó e de fina areia do deserto (pneumoniosis), bem como outras alterações características da pneumonia, agravadas pelas pleurites e pericardites. A antracose como doença respiratória podia também resultar da inalação do pó de carvão do lume doméstico<sup>30</sup>.

São muitos os testemunhos artísticos que nos informam directamente sobre as doenças oftalmológicas dos antigos Egípcios, como sejam, o harpista cego do túmulo de Nakht (TT 52, reinados de Tutmés IV/Amenhotep III, XVIII dinastia, Império Novo, em Cheikh Abd el-Gurna) e o friso dos cantores cegos no túmulo de Meriré I (TA 4, reinado de Akhenaton,

27 - M. JUANEDA-MAGDALENA GABELAS, «La Paleopatología en Egipto: pasado y presente» (<http://amigosdelantiguoegipto.com/?p=291>).

28 - Cf. A. SHAFIK, W. R. ELSEESY, «Medicine in Ancient Egypt», em Helaine Selin (ed.), *Medicine Across Cultures. History and Practice of Medicine in Non-Western Cultures*, New York/ Boston/ Dordrecht/ London/ Moscow: Kluwer Academic Publishers, 2003, pp. 33-34.

29 - Cf. M. A. DOLLFUS, «L'ophtalmologie dans l'ancienne Égypte», pp. 19, 20; S. R. ANDERSEN, «The eye and its diseases in Ancient Egypt», em *Acta Ophthalmologica Scandinavica* 75, 1997, pp. 340-342.

30 - Cf. A. ERMAN, H. RANKE, *La Civilisation Égyptienne*, p. 468; M. FAYAL, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 173; F. DAUMAS, «Une histoire de la médecine égyptienne antique [Gustave Lefebvre. Essai sur la médecine égyptienne de l'époque pharaonique]», em *Journal des Savants* 1956, p. 172 ([http://www.persee.fr/doc/jds\\_0021-8103\\_1956\\_num\\_4\\_1\\_5982](http://www.persee.fr/doc/jds_0021-8103_1956_num_4_1_5982)); E. STROUHAL, *A Vida no Antigo Egipto*, Barcelona: Ediciones Folio, S. A., 2007, p. 248; P. VEIGA, «Some prevalent pathologies in ancient Egypt», em *Hathor. Studies of Egyptology*, vol. 1, 2012, p. 75.



Fig. 3. Túmulo de Nakht (TT 52). Império Novo. XVIII dinastia. Cheikh Abd el-Gurna.

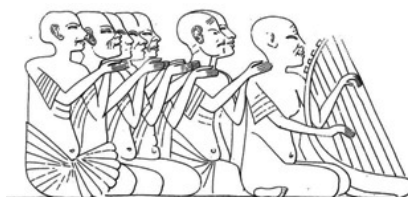


Fig. 4. Friso dos cantores cegos no túmulo de Meriré I (TA 4). Império Novo XVIII dinastia. Reinado de Akhenaton. Tell el-Amarna.



Fig. 5. Túmulo de Paatenhemheb. XVIII dinastia, Reinado de Akhenaton, hoje no Rijksmuseum van Oudheden de Leiden (AMT 1-35).

XVIII dinastia). O tema do harpista cego, com todo o realismo que o caracteriza, constitui mesmo um *topos* iconográfico da arte egípcia<sup>31</sup>.

A cena do TT 52 que mostra o gordo harpista cego tocando uma harpa de seis cordas no banquete fúnebre encontra-se na parede noroeste, parte sul, registo superior. A cegueira é expressa por uma linha curva em vez do olho. A boca aberta indica que o homem está a cantar ou, mais provavelmente, declamando um texto. É mostrado de perfil, com visíveis e abundantes dobras de tecido adiposo na barriga. Ao contrário dos convidados, o harpista cego não está sentado sobre um tapete, mas directamente no chão, e não ostenta nenhum cone de unguento sobre a cabeça<sup>32</sup>.

O friso do TA 4 encontra-se na parede sul, parte oriental, sub-registo inferior. Para alguns, trata-se de uma das mais belas cenas dos túmulos amarnianos, uma verdadeira *chef d'oeuvre* da necrópole. São representados oito homens, todos cegos, sentados, em que o primeiro toca

31 - D. LABOURY, «Une relecture de la tombe de Nakht», p. 67; L. MANNICHE, «Symbolic blindness», em *CdE Tome LIII, N.º 105*, 1978, pp. 13-21. Paralelamente, os «cânticos do harpista» dão testemunho literário das letras das canções cantadas pelos harpistas, cegos ou não, durante os banquetes fúnebres. Em regra, os «cânticos do harpista», cantados perante uma divindade ou um defunto (representado só ou em companhia da sua esposa), convidam a esquecer o passado e aproveitar o momento presente e os prazeres naturais da vida (*carpe diem*). A sua mensagem assume uma feição claramente hedonista. Entre os que chegaram até nós podem citar-se os encontrados nos túmulos de Antef I ou II (faraó da XI dinastia) e dos altos funcionários Inherkhau (TT 359), em Deir el-Medina, e Neferhotep (TT 50), em Cheikh Abd el-Gurna (Cf. Ph. COLLOMBER, «Le “harpiste dévoyé”», em *Égypte, Afrique et Orient* 29, 2003, pp. 29-40; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature. Volume I: The Old and Middle Kingdoms*, Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1975, pp. 193-197; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature. Volume II: The New Kingdom*, Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1976, pp. 115, 116; P. GILBERT, «Les chants du harpiste», em *CdE XV*, 1940, pp. 38-44; J. OSING, «Les chants du harpiste au Nouvel Empire», em *Aspects de la culture pharaonique. Quatre leçons au Collège de France*, 1992, pp. 11-24.

32 - Cf. N. de G. DAVIES, *The tomb of Nakht at Thebes*, New York, 1917, pp. 56, 57, plates XV-XVII; B. PORTER, R. MOSS, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban necropolis. Part I. Private tombs*, 2.ª ed., Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1960, p. 100; D. LABOURY, «Une relecture de la tombe de Nakht», em Roland Tefnin (éd.). *La peinture égyptienne ancienne. Un monde de signes à préserver. Actes du Colloque international de Bruxelles - Avril 1994*, Bruxelles: Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1997, pp. 67, 68; C. LALOUILLE, *L'art figurative et la vie dans l'Égypte pharaonique*, Paris: Fayard, 1992, fig. 55.

uma harpa, enquanto os restantes são manifestamente cantores, que acompanhariam, cantando e/ou batendo palmas, a melodia que o seu companheiro tocava. A feição realista dos rostos, velhos, com rugas e traços bem marcados da passagem do tempo, sugere que o compositor da cena se terá inspirado em exemplos vivos do seu tempo<sup>33</sup>.

A dieta alimentar dos antigos Egípcios, devido às areias misturadas nos alimentos (efeito abrasivo das impurezas) e ao uso do mel como adoçante, esteve na base das lesões dentárias que as múmias revelam e que não afectavam forçosamente apenas os mais velhos deles. São uma das doenças adquiridas devido à alimentação ou aos hábitos alimentares. A dentição provê informações sobre a dieta e a saúde da população egípcia<sup>34</sup>.

De facto, a julgar pelos papiros que tratam das patologias e da farmacologia dentárias (ex.: *Papiro Ebers* e *Papiro Edwin Smith*), as afecções da boca e dos dentes era uma profunda preocupação entre os antigos Egípcios, situação que os exames anatómicos, paleopatológicos e radiológicos de muitos crânios de múmias denotam/confirmam<sup>35</sup>.

De uma forma geral, as alterações dentárias mencionadas e analisadas são de dois tipos: as cáries e as atrições ou desgaste intenso e rápido causado por abrasão (desaparecimento total das cúspides e infecção dos sulcos gengivais). Quer um tipo quer outro destruíam e desgastavam as superfícies e os tecidos dentais, provocando, por extensão, abscessos, infecções das gengivas e perdas de dentes<sup>36</sup>.

Em relação às cáries observa-se que eram raras na Época Pré-dinástica e que a partir da IV dinastia tornaram-se mais frequentes, sobretudo entre os elementos da aristocracia, estando já disseminadas entre todas as camadas sociais no final do Império Antigo. A evolução e a generalização explicam-se, então, pelo maior refinamento da alimentação que favorece o aparecimento de cáries<sup>37</sup>. A abrasão dentária anormal explica-se também pela alimentação, em particular pela ingestão do pão egípcio. A recolha e análise de restos de pão encontrado em túmulos egípcios revelaram efectivamente a presença de partículas minerais abrasivas (grãos de areia, pequenos fragmentos angulosos de feldspato, de mica e de grés) que justificam essa atrição dos dentes.

Os materiais abrasivos contidos nos alimentos causavam atrição que podia levar à doen-

---

33 - Cf. N. de G. DAVIES, *The Rock Tombs of el-Amarna, Part I. The Tomb of Meryra*, London: The Egypt Exploration Society, 1903, p. 31, plates XXI e XXIII; B. PORTER, R. MOSS, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. IV. Lower and Middle Egypt*, Oxford: Griffith Institute/Ashmolean Museum, 1934, p. 216. Entre os relevos parietais de harpistas cegos pode ainda mencionar-se a representação do túmulo de Paatenhemheb, da XVIII dinastia, hoje no Rijksmuseum van Oudheden de Leiden (AMT 1-35).

34 - Cf. J. MILLEREM, «Dental health and disease in ancient Egypt», em A. Rosalie David (ed.), *Egyptian Mummies and Modern Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 52.

35 - Cf. A. R. DAVID, «The art of Medicine. The art of healing in ancient Egypt. A scientific reappraisal», em *The Lancet*, vol. 372, 2008, p. 1802.

36 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 202-205; J. MILLEREM, «Dental health and disease in ancient Egypt», pp. 55, 56.

37 - Cf. J.-C. SCHWARZ, «La médecine dentaire dans l'Égypte pharaonique», p. 39. Nas camadas populares mais baixas, a incidência de cáries seria menor, uma vez que o mel, apesar de disponível, era escasso e dispendioso. Durante o período ptolomaico, o número de cáries terá aumentado (Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 203).

ça periodontal (gingivite, periodontite e periodontite avançada), chegando, nos casos mais graves, à perda de osso alveolar de suporte<sup>38</sup>. A progressão desta doença originava a perda de dentes que pura e simplesmente caíam ou que podiam ser removidos sem qualquer esforço, com uma simples pressão manual de arranque. Sobre outro tipo de remoções dentais, os papiros médicos nada nos dizem, nem foram identificados nenhuns instrumentos (fórceps ou alavancas) para o período faraónico, embora o exame de múmias permita concluir que haveria e que era praticado algum método de remoção de dentes<sup>39</sup>. Da mesma forma, os papiros médicos nada mencionam sobre outras cirurgias dentárias. Talvez as cirurgias (e não apenas as dentárias) fossem uma prática separada (um braço da medicina) e praticada em relativo secretismo devido à prevalência de tabus religiosos e sociais que proibiam fazer incisões no corpo humano (conservadorismo egípcio)<sup>40</sup>.

Quando as infecções dentárias se tornavam crónicas (com o aparecimento de fistulas que causam drenagens para o exterior) ou agudas (causando osteomielites), a complicação podia generalizar-se a todo o organismo e provocar uma septicemia. Esta pode ter sido a causa da morte de Amenhotep III, cuja dentadura se encontra num estado lamentável, e provavelmente também de Ramsés II<sup>41</sup>.

Também a obesidade, que muitas importantes personagens egípcias masculinas (escribas, altos funcionários, sacerdotes) ostentam em relevos e estátuas, está relacionada com uma dieta mais rica em gordura a que estas pessoas das altas camadas sociais tinham acesso e que, assim, era uma indicação exterior do seu *status* socio-económico<sup>42</sup>. Entre os exemplos declarados de obesidade corporal que a arte egípcia nos fornece (estelas, estátuas, baixos-relevos e pinturas), podem citar-se a estátua sentada de calcário de Hemiuu (o arquitecto da Grande Pirâmide de Guiza, irmão do faraó Khufu), da IV dinastia<sup>43</sup>, a estátua do escriba Kai, mais conhecido como «Escriba do Louvre» (V dinastia), em pose atenta, com um rosto de enorme expressividade e vivacidade<sup>44</sup>, a estátua de granito negro de Sebekemsaf, da XIII dinastia, provavelmente oriunda de Armant, usando uma comprida túnica presa pelo peito<sup>45</sup>,

38 - Cf. J. MILLEREM, «Dental health and disease in ancient Egypt», pp. 58-61.

39 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 204, 205; Cf. A. SHAFIK, W. R. ELSEESY, «Medicine in Ancient Egypt» p. 36. A julgar por textos escritos (papiro médico copta), as extracções dentárias só teriam começado a ser praticadas nos últimos séculos antes da era cristã (Cf. J.-C. SCHWARZ, «La médecine dentaire dans l'Égypte pharaonique», p. 41).

40 - Cf. S. ADU-GYAMFI, «Ancient Egyptian Medicine: a systematic review», p. 14; R. SULLIVAN, «The identity and work of the ancient Egyptian surgeon», pp. 468, 469; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 116, 117, 119. Ainda hoje, a cirurgia é entendida como um ramo da medicina que trata dos ferimentos e das desordens do corpo através de incisões, manipulações e alterações dos órgãos com as mãos ou com instrumentos apropriados.

41 - Cf. J.-C. SCHWARZ, «La médecine dentaire dans l'Égypte pharaonique», pp. 39, 40.

42 - No Egipto existia a diferença entre dois tipos de gordura: a gordura *adj*, de origem animal, e *merhet*, de origem vegetal (Cf. E. STROUHAL, *A Vida no Antigo Egipto*, p. 132).

43 - A estátua, com 1, 55 m de altura, está hoje no Roemer und Pelizaeus Museum, em Hildesheim (IN 1962).

44 - Com 53,7 cm de altura, a estátua de calcário está, como a sua designação mais conhecida deixa adivinhar, no Museu do Louvre, em Paris (E 3023).

45 - Esta estátua, com 1.50 m de altura, encontra-se actualmente no Kunsthistorisches Museum, Viena (n.º 5801).



Fig. 6. Estátua sentada de calcário de Hemiunu. Império Antigo. IV dinastia. Roemer und Pelizaeus Museum, Hildesheim (IN 1962).

Fig. 7. Estátua do escriba Kai, mais conhecido como «Escriba do Louvre». V dinastia. Museu do Louvre, Paris (E 3023).

Fig. 8. Estátua de granito negro de Sebekemsaf, XIII dinastia. Kunsthistorisches Museum, Viena (n.º 5801).

Fig. 9. Estátua arcaizante de Harua. XXV dinastia. Museu Egípcio do Cairo (CG 920).

e a estátua arcaizante, de pé, sem cabeça, de Harua, de proeminente barriga e descaídos seios, datada da XXV dinastia<sup>46</sup>. As abundantes dobras de pele observáveis nas múmias de Amenhotep III (XVIII dinastia) e Ramsés III (XX dinastia) sugerem que em vida seriam particularmente gordos.

A estes exemplos onde o abundante tecido adiposo não é escondido, mas, antes, bem mostrado, não seria incorrecto associar inúmeras outras «estátuas de escribas», particularmente do Império Novo, onde escribas e faraós representados como escribas, denotam igualmente marcas claras de gordura corporal<sup>47</sup>. Da mesma forma, embora numa época mais avançada da história egípcia (período ptolomaico), considerando a alcunha de *Fískon* (gr. *Physkon*), «gordo; barrigudo; obeso; inchado», com que vários soberanos da dinastia ptolomaica foram brindados pela população de Alexandria (casos de Ptolomeu III, Ptolomeu VIII, Ptolomeu IX e Ptolomeu X Alexandre I)<sup>48</sup> e as representações escultóricas (moedas, bustos e estátuas) que nos chegaram de alguns deles<sup>49</sup>, a obesidade persistia como uma característica associada às mais elevadas camadas da sociedade egípcia. É também aceite que a arteriosclerose seria igualmente frequente entre as camadas

46 - Com 50 cm de altura, esta estátua de granito proveniente de Deir el-Bahari, encontra-se no Museu Egípcio do Cairo (CG 920).

47 - Só para indicar dois casos bem conhecidos, citem-se as estátuas de Amenhotep, filho de Hapu (escriba-arquitecto que viveu durante o reinado de Amenhotep III, na XVIII dinastia, para quem construiu o templo funerário de Tebas Ocidental, de que hoje só restam os chamados Colossos de Mémnon, e uma parte significativa, a mais antiga, do templo de Amon, em Luxor) como é exemplo a estátua JE 44861 do Museu Egípcio do Cairo, e do faraó Hor emheb, de final da XVIII dinastia (ver estátua do The Metropolitan Museum of Art, 23.10.1, com 113 cm de altura e 71 cm de lado - <http://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/23.10.1/>).

48 - Cf. J. das C. SALES, *Ideologia e propaganda real no Egipto Ptolomaico (305-30 a.C.)*, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005, pp. 213-223.

49 - Cf. *Cleopatra's Egypt. Age of the Ptolemies*, Brooklyn: The Brooklyn Museum, 1988, p. 149; *La Gloire d'Alexandrie*, Paris: Musées, 1998, p. 215.



Fig. 10. Estátua de Amenhotep, filho de Hapu. XVIII dinastia, reinado de Amenhotep III. Museu Egípcio do Cairo (JE 44861).

Fig. 11. Estátua do faraó Horemheb, final da XVIII dinastia. The Metropolitan Museum of Art (23.10.1).

Fig. 12. Representação mural do templo funerário de Hatchepsut (XVIII dinastia), em Deir el-Bahari, mostrando a rainha de Punt com claros sintomas de lipodistrofia ou doença de Decrum.

sociais mais elevadas da sociedade egípcia, faraós incluídos, devido, justamente, à dieta rica em gordura<sup>50</sup>.

Subjacente a algumas destas representações pode haver mais convencionalismo do que realismo, para indicar a elevada posição social dos representados, mas é plausível que o excesso de gordura na zona do abdômen e os peitos relativamente desenvolvidos que retratam correspondessem a alguns casos de obesidade efectiva entre os Egípcios da elite<sup>51</sup>. Em contraste, os de recursos mais parcos sofriam de má nutrição e nalguns relevos surgem completamente famélicos<sup>52</sup>. Mesmo considerando-os «o povo mais saudável do mundo» (Heródoto, II, 77), Heródoto menciona que os Egípcios se purgavam todos os meses durante três dias consecutivos devido «à ideia que todas as doenças provinham da alimentação consumida»

50 - Como referimos, as abundantes dobras de pele das múmias de Amenhotep III e Ramsés III sugerem que seriam particularmente gordos (obesidade mórbida) e que sofreriam de arteriosclerose (Cf. C. REEVES, *Egyptian Medicine*, p. 37; S. LÓPEZ DÍAZ, M. CASTILLO MALLÉN, «Minus valias en Egipto», em *Nehmaat. Revista Mundo Antigo* – ano V, n.º 09. Dossiê Egiptologia, 2016, pp. 96. 98 – fig. 2b). Embora estrangeira, a rainha de Punt, que conhecemos através de uma representação mural do templo funerário de Hatchepsut (XVIII dinastia), em Deir el-Bahari, sofria de obesidade anormal, provavelmente lipodistrofia ou doença de Decrum: esteatopigia, pronunciada curvatura da coluna dorsal e enorme quantidade de tecido adiposo (dobras) nos braços e nas pernas (Cf. E. STROUHAL, *A Vida no Antigo Egipto*, pp. 244, 247).

51 - No domínio divino, o deus Hapi é, talvez, o caso mais flagrante de obesidade, nas suas duas versões de deus do Nilo do Alto e do Baixo Egipto, embora também se possam mencionar os deuses Uadj-Uer, Bés e Aha. Nestes casos, a obesidade divina serve para expressar noções de abundância e fertilidade associadas a essas divindades (Cf. J. das C. SALES, *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egipto antigo*, Lisboa: Editorial Estampa, 1999, pp. 312-314, 318-322).

52 - O caso mais evidente de fome ou subnutrição surge num relevo em calcário da calçada da pirâmide de Unas, em Sakara, V dinastia, hoje no Museu do Louvre, em Paris (E. 17.376), cf. C. REEVES, *Egyptian Medicine*, p. 10; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 20.

(Heródoto II, 77). A fazer fê neste registo, os antigos Egípcios sabiam claramente que algumas das aflições de saúde que os atingiam eram causadas pela comida que ingeriam.

O clima egípcio, particularmente com as suas temperaturas elevadas, influía também na saúde dos antigos Egípcios, sobretudo nos que trabalhavam ao ar livre (a maioria) e que, por isso, estariam particularmente expostos à muito frequente e vulgar dor de cabeça (cefaleia), que os Egípcios designavam como *ges-tep* (*gs-tp*), «meia-cabeça»<sup>53</sup>. Esta doença era, certamente, muito comum uma vez que as elevadas temperaturas durante a maior parte do ano provocavam a excessiva dilatação de alguns vasos sanguíneos da zona extracerebral. Nos papiros médicos aparecem várias receitas-encantamentos para as enxaquecas, provando que este problema de saúde afectava os habitantes do Nilo.

Num país com as características físicas do Egipto (montanhas, deserto, pântanos e margens do Nilo), os animais perigosos ou determinadas pragas (ex. de insectos) podiam igualmente provocar feridas (*wbnw*, *uebenu*) e sofrimentos consideráveis, quando não a própria morte. Os venenos das picadas de escorpião e das mordeduras de ofídio encontravam-se entre os mais temíveis, provocando igualmente fortes dores e dificuldades respiratórias<sup>54</sup>. As fórmulas mágicas existentes contra estes venenos atestam que muitos Egípcios foram certamente vítimas deste infortúnio. As pragas de ratos (*pnw*, *penu*) provocavam um elevado número de vítimas mortais entre a população egípcia. As pulgas que parasitavam nestes roedores eram portadoras de gérmenes muito perigosos que os abandonavam quando morriam para irem infectar outros e que se transmitiam muito rapidamente, atingindo o homem com uma doença muito grave e contagiosa: a peste. No caso da peste pulmonar, o próprio contacto directo entre as pessoas era a principal forma de contágio, o que significa que, em determinadas alturas, se propagava muito depressa. Também os mosquitos eram transmissores de graves doenças, como a malária, ou propagavam vermes filáricos (*Filaria bancrofti*) que causavam desfigurações anatómicas como a elefantíase. «Há mosquitos ao pôr-do-sol e moscas ao meio-dia; a mosca da areia chupa as veias», queixava-se um oficial da época raméssida das pragas de insectos que o importunavam<sup>55</sup>.

A varíola, o sarampo e a cólera propagavam-se com relativa facilidade entre a população egípcia, sobretudo no Vale do Nilo, uma vez que a concentração humana favorecia o rápido contágio. Surtos de peste bubónica, mais esparsos ou epidémicos, ocorreram também e dizimaram, certamente, muitos dos infectados.

---

53 -A designação egípcia corresponderá à grega, «hemi-krania», de onde deriva a inglesa «migraine» (Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 37).

54 - Sobre os efeitos das mordeduras de serpente e de escorpiões ver J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 186, 187, 189.

55 - A malária é uma doença causada por parasitas do género *Plasmodium*. A infecção é transmitida aos seres humanos através das picadas de moscas do género *Anopheles* (Cf. A. G. NERLICH, B. SCHRAUT, S. DITTRICH, T. JELINEK, A. R. ZINK, «*Plasmodium falciparum* in Ancient Egypt», em *Emerging Infectious Diseases*, vol. 14, n.º 8, 2008, p. 1317-1319). As picadas das moscas das areias podiam causar nos humanos a leishmaniose, doença causada por parasitas do género *Leishmania*, que se manifesta principalmente em três formas: visceral, cutânea e mucocutânea (A. R. ZINK, M. SPIGELMAN, B. SCHRAUT, C. L. GREENBLATT, A. G. NERLICH, H. D. DONOGHUE, «Leishmaniasis in Ancient Egypt and Upper Nubia», em *Emerging Infectious Diseases*, vol. 12, n.º 10, 2006, pp. 1616-1617).

## Doenças congénitas

Quando falamos em doenças congénitas, queremos mencionar, sobretudo, o nanismo acondroplásico, a tuberculose vertebral e a artrite<sup>56</sup>. Na arte egípcia, há imensas representações de anões (*dng*, *deneg*, *hw<sup>c</sup>*, *heua* ou *nmw*, *nemu<sup>57</sup>*), o que sugere a frequência da acondroplasia, isto é, da deficiência no crescimento dos ossos longos, em resultado de uma má ossificação das cartilagens, que provocava membros pequenos e cabeça grande<sup>58</sup>. É uma doença congénita, ao contrário do nanismo por deficiências hormonais. Acondroplasia é, de facto, a forma mais comum não letal de anomalia do esqueleto. Trata-se de um distúrbio autossómico dominante totalmente penetrante e a maioria dos casos é esporádica resultante de mutações associadas à avançada idade paterna. O fenótipo de acondroplasia está relacionado com perturbações na formação óssea endocondral devido a mutações no gene receptor-3 do factor de crescimento de fibroblastos (FGFR3), que ajuda a transformar a cartilagem em osso.

Sabemos hoje que as características da acondroplasia são mãos curtas e largas, com os dedos exibindo uma aparência tridireccional ao nascimento devido à incapacidade de se oporem o terceiro e o quarto dedos, cabeça grande, mandíbula frontal, achatamento da ponte nasal, hipoplasia da face média, tórax achatado, abdómen saliente (com cifose toracolombar), com úmeros e fémures particularmente curtos. A acrocefalia deve-se, muitas vezes, ao alargamento ventricular, embora a pressão intracraniana não seja muito elevada. São, portanto, sobretudo os membros curtos com os segmentos proximais que são os mais afectados. Entre as complicações mais comuns dos doentes estão a apneia do sono, as dificuldades respiratórias e as otites<sup>59</sup>.

---

56 - O célebre Ramsés II é um dos casos egípcios mais conhecidos. Sobre os diferentes tipos de malformações do esqueleto no antigo Egipto, ver C. KOZMA, «Skeletal dysplasia in Ancient Egypt», pp. 3104-3112. Apenas a título de exemplo, mencione-se que um dos fetos encontrados no túmulo de Tutankhamon, que se acredita ser de uma sua filha, apresenta escoliose, espinha bifida e deformidade de Sprengel (Cf. C. KOZMA, «Skeletal dysplasia in Ancient Egypt», p. 3104).

57 - Destes termos, *deneg* pode ser mais correctamente traduzido por pigmeu. É este termo que é usado na carta enviada pelo faraó-criança da VI dinastia Pepi II ao seu alto funcionário Herkhuf para que trouxesse para a corte egípcia um pigmeu encontrado no país de Yam, no actual Sudão (V. DASEN, «Dwarfism in Egypt and Classical Antiquity: Iconography and Medical History», em *Medical History*, 1988, 32, pp. 258-259; cf. H. MAHRAN, S. M. KAMAL, «Physical Disability in Old Kingdom Tomb Scenes», em *Athens Journal of History*, vol. 2, issue 3, 2016, p. 172). Refira-se a propósito que os antigos Egípcios distinguiam os pigmeus, isto é, grupos humanos de altura reduzida, geralmente oriundos do interior de África, dos anões, que eram casos patológicos existentes no interior da própria sociedade egípcia (Cf. W. R. DAWSON, «Pygmies and Dwarfs in Ancient Egypt», em *JEA* 24, n.º 2, 1938, pp. 185-189).

58 - Segundo V. Dasen, há 207 representações de anões na arte egípcia (Cf. V. DASEN, *Dwarfs in ancient Egypt and Greece*, Oxford: Clarendon Press, 1993).

59 - Cf. M. S. AGLAN, A. K. ABDEL-ALEEM, A. IS. EL-KATOURY, M. H. HAFEZ, S. N. SALEEM, G. A. OTAI-FY, S. A. TEMTAMY, «Clinical, anthropometric, radiological and molecular characteristics of Egyptian achondroplasia patients», em *The Egyptian Journal of Medical Human Genetics*, vol. 10, n.º 1, 2009, pp. 13-25; V. DASEN, «Dwarfism in Egypt and Classical Antiquity: Iconography and Medical History», pp. 253-254; C. KOZMA, A. M. SARRY EL DIN, R. A. EL SHAFY EL BANNA, W. A. E. SAMIE KANDEEL, R. LACHMAN, «The ancient Egyptian dwarfs of the pyramids: The high official and the female worker», em *American Journal of Medical Genetics*, part A, vol. 155, issue 8, 2011, pp. 1820, 1821.



Fig.13. Estátua de calcário pintado de anão músico ou tocador de harpa. 12,5 cm de altura. V dinastia. Oriental Institute of The University of Chicago (10641).

No antigo Egito, esta doença está documentada desde o Época Tinita, na arte e na epigrafia, bem como nos restos de ossadas humanas encontrados em várias sepulturas, embora a mais antiga evidência biológica de anões date do Época Badariense (cerca de 4500 a.C.)<sup>60</sup>. Em Abidos, junto dos túmulos de dois faraós da I dinastia, Semekhet e Qa'a, encontram-se também restos de esqueletos identificados como pertencendo a anões-cortesãos<sup>61</sup>.

Há pelo menos 50 túmulos do Império Antigo, nas necrópoles de Guiza e de Sakara (ex.: túmulos de Debeheni, de Nefer, de Nuntjer, de Ankhmahor, de Mereri e de Nikainpu) com baixos-relevos de homens e mulheres anões (acondroplasia e/ou hipocondroplasia) a domesticar macacos, tocar harpa, dançando e cantando, amamentando crianças, agindo como amas. Da mesma forma, é conhecida também uma estátua de calcário pintado de um anão músico ou tocador de harpa (V dinastia, provavelmente do reinado de Niuserré)<sup>62</sup>.

A peça, com 12,5 cm de altura, encontra-se hoje no Oriental Institute da Universidade de Chicago (10641). Subjacente a todas estas representações/artefactos parece estar uma atitude positiva, de aceitação e integração dos anões na sociedade e na cultura egípcia<sup>63</sup>.

Além das representações artísticas desinibidas e gratificantes, os próprios ensinamentos de sabedoria que nos chegaram do antigo Egito advogam o respeito pelos indivíduos com incapacidades físicas, em geral, e pelos anões, em particular. As *Instruções de Amenemope* (reinado de Amenhotep III, XVIII dinastia) proclamam enfaticamente: «Não rias de um cego, nem provoques um anão, nem causes dificuldades ao coxo. Não provoques um homem que está nas mãos do deus, nem te zangues com ele por suas falhas.»<sup>64</sup> Fontes artísticas e fontes textuais parecem, pois, coincidir na construção de uma imagem genericamente positiva e moralmente favorável aos membros da sociedade egípcia vítimas de acondroplasia.

60 - Cf. C. KOZMA, «Dwarfs in Ancient Egypt», *American Journal of Medical Genetics, Volume 140A, Issue 4*, 2005, pp. 303-311; S. HENDRICKX, F. FÖRSTER, «Early Dynastic Art and Iconography» em Alan B. Lloyd (ed.), *A Companion to Ancient Egypt, Volume I*, Wiley: Blackwell, 2010, p. 845; V. DASEN, «Dwarfism in Egypt and Classical Antiquity: Iconography and Medical History», pp. 260, 261.

61 - Cf. S. QUIRKE, *Exploring Religion in Ancient Egypt*, Oxford: Wiley Blackwell, 2015, p. 48.

62 - Cf. C. KOZMA, «Dwarfs in Ancient Egypt», pp. 309, 310; V. DASEN, «Dwarfism in Egypt and Classical Antiquity: Iconography and Medical History», em *Medical History*, 32 (3), 1988, p. 261; *Egyptian art in the age of pyramids*, New York: The Metropolitan Museum of Art, 1999, p. 391.

63 - Cf. H. MAHRAN, S. M. KAMAL, «Physical Disability in Old Kingdom Tomb Scenes», pp. 169-170.

64 - Cf. M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature. Volume II: The New Kingdom*, p. 160; W. K. SIMPSON (ed.), *The Literature of Ancient Egypt. An anthology of Stories, Instructions, and Poetry*, New Haven/ London: Yale University Press, 1973, p. 262; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, Paris: Imprimerie Nationale, 2001, p. 324.



Fig.14. Acondroplasia no antigo Egipto. A cena dos anões-joalheiros da mastaba de Mereruka, em Sakara, VI dinastia.

Profissionalmente, a maioria dos anões egípcios parece ter-se dedicado a actividades agrícolas e artesanais, como a cerâmica, a metalurgia e a joalheria (ex.: relevos das mastabas de Mereruka, de Ptahhotep e de Merefnebef, em Sakara, onde surgem soldando e fundindo peças de joalheria). A cena dos anões da mastaba de Mereruka, em Sakara (VI dinastia), sala 3, parede este, está dividida em três registos: no registo superior, estão representados vários artesãos (escultores, fabricantes de vasos, carpinteiros e metalúrgicos); no registo médio mostram-se as obras em confecção, sobretudo jóias, algumas já terminadas; no registo inferior estão a ser trabalhadas/concluídas outras jóias. É nesse registo que surgem quatro trabalhadores anões (dois de pé e dois sentados), exibindo uma gargantilha, em cima de uma mesa, e dando os toques finais noutra peça. É possível que a cena incluísse mais anões, mas, infelizmente, encontra-se destruída do seu lado direito<sup>65</sup>.

Na mastaba D64 de Ptahhotep (V dinastia), o registo superior da parede norte mostra também quatro anões (todos sentados) a verificarem os seus artefactos e ornamentos de joalheria<sup>66</sup>. Quatro anões sentados cuidando zelosamente das peças de joalheria estão também patentes na mastaba da VI dinastia, em Sakara, de Meretnebef (também conhecido como Unisankh e Fefi), um alto funcionário que viveu sob Teti e Pepi I (parede sul, registo superior, painel esquerdo, sub-registo n.º 2)<sup>67</sup>. Os anões joalheiros surgem igualmente no túmulo de Nefer e Kaha, de meados-finais da V dinastia, na capela do túmulo de Kaemrehu, do final

65 - Cf. *The mastaba of Mereruka. Part I*, Chicago: The University of Chicago Press, 1938, plates 22, 29, 30, 32 e 33; B. PORTER, R. MOSS, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. III: Memphis. Part 2. Saqqara to Dahshur*, 2.ª ed., Oxford: Griffith Institute/Ashmolean Museum, 1981, p. 528.

66 - Cf. B. PORTER, R. MOSS, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. III: Memphis. Part 2. Saqqara to Dahshur*, p. 600.

67 - Cf. [http://www.osirisnet.net/mastabas/merefnebef/e\\_merefnebef\\_05.htm](http://www.osirisnet.net/mastabas/merefnebef/e_merefnebef_05.htm).



Fig. 15. Cena similar à anterior na mastaba de Ptahhotep, em Sakara, V dinastia.



Fig. 16. Cena similar às anteriores na mastaba de Meretnebef, em Sakara, VI dinastia.

da V dinastia, em Sakara, e na sala II do túmulo de Ankhmahor, também em Sakara, mas do início da VI dinastia<sup>68</sup>.

O motivo do anão com macaco e/ou cão surge, por sua vez, pelo menos, em duas representações (sala das colunas e sala interior) da mastaba de Ti, V dinastia, reinado de Niuserré; na sala II do túmulo de Ankhmahor; na sala V do túmulo de Kagemni, VI dinastia, reinado de Teti; na sala XIII do túmulo de Mereruka e na mastaba de Neferirtnef, reinado de Neferirkaré

68 - Cf. B. PORTER, R. MOSS, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. III: Memphis. Part 2. Saqqara to Dahshur*, pp. 486, 513, 640. São apontados 12 casos de anões-joalheiros representados nos túmulos egípcios (Cf. C. S. HEBRON, *Aspects of health, injury and disease amongst the non-elite workforces of Dynastic Egypt*, London: Institute of Archaeology/University College London, s.d. [Ph. D. thesis], p. 109).

ou posterior<sup>69</sup>. No túmulo de Nefer e Kaha, na sala de oferendas, aparece representado um anão com uma paleta de escriba<sup>70</sup>. Na mastaba de Niankhkhnun e Khnumhotep, em Sakara, da V dinastia, reinado de Niuserre, há uma cena em que o anão representado surge carregando uma caixa à cabeça<sup>71</sup>. Este motivo do anão-caixa surge igualmente na sala exterior do túmulo de Mereri, de meados da VI dinastia<sup>72</sup>. Algumas imagens chegadas até nós sugerem também a actividade dos anões (masculinos e femininos) como dançarinos. Na sala I do túmulo de Nebet (esposa do faraó Unas) surge representada uma dessas anãs bailarinas (registo inferior)<sup>73</sup>.

Alguns conhecidos anões alcançaram mesmo importantes cargos na administração central egípcia: o anão Khnumhotep foi «superintendente do guarda-roupa dos sacerdotes funerários» (*sšrw*, *secheru*) e Seneb era «capataz dos anões do palácio», «chefe do guarda-roupa real e sacerdote dos cultos funerários» dos faraós Khufu e Khafré. Os títulos inscritos na estátua de Khnumhotep, sugerem que pertencia à família de um alto funcionário e que ele alcançou posição relativamente elevada nessa casa. Khnumhotep viveu durante a V dinastia, tendo o seu túmulo situado em Sakara. Como anão bailarino terá atingido um elevado estatuto. A sua estátua, com 18 cm de altura, em calcário pintado, encontra-se no Museu Egípcio do Cairo (CG 144). Vemos um homem de saíote como uma grande abóbada craniana, alongada, embora de traços faciais normais. Os membros superiores são claramente curtos, bem como os inferiores. Tem um dorso musculado, as costas arqueadas e o abdómen protuberante<sup>74</sup>.

A estátua de calcário pintado de Seneb com a sua esposa Senetités (sacerdotisa das deusas Hathor e Neit) e os seus dois filhos (um de cada sexo, o filho chamado Ankhemadje-



Fig. 17. Estátua de Khnumhotep (18 cm de altura). Calcário pintado. V dinastia. Sakara. Museu Egípcio do Cairo (CG 144).

69 - Cf. B. PORTER, R. MOSS, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. III: Memphis. Part 2. Saqqara to Dahshur*, pp. 470, 475, 513, 528, 532, 584.

70 - Cf. B. PORTER, R. MOSS, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. III: Memphis. Part 2. Saqqara to Dahshur*, p. 640.

71 - Cf. A. M. MOUSSA: *Das Grab des Nianchchnun und Chnumhotep*, Mainz am Rhein: Zabern, 1977, Tafel 60.

72 - Cf. B. PORTER, R. MOSS, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. III: Memphis. Part 2. Saqqara to Dahshur*, p. 518.

73 - Cf. B. PORTER, R. MOSS, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. III: Memphis. Part 2. Saqqara to Dahshur*, p. 624. Sobre anões dançarinos, ver M. SALEH, H. SOUROUZIAN, *Official Catalogue, The Egyptian Museum of Cairo*, Mainz, Verlag Philipp von Zabern, 1987, p. 127.

74 - Cf. O. EL-AGUIZY, «Dwarfs and Pygmies in Ancient Egypt», em *Annales du Service des Antiquités de l'Égypte* 71, 1987, pp. 53-60; *Egyptian art in the age of pyramids*, p. 164.



Fig. 18. Grupo escultórico de Seneb e família (43 cm de altura). Calcário pintado. IV-V dinastia. Guiza. Museu Egípcio do Cairo (JE 51281).

defré, «Que Djedefré viva» e a filha Awtibekhufu, «Khufu está alegre», que não herdaram a deformidade do pai), com 43 cm de altura por 22,5 cm de largura, em que se reproduz a deformidade do anão, com a sua volumosa cabeça em proporção com as suas diminutas pernas, encontra-se no Museu Egípcio do Cairo (JE 51281)<sup>75</sup>. Curiosamente, Seneb queria dizer «Com Saúde» ou «Saudável»; é como se a onomástica contrariasse a doença... A composição escultórica é muito feliz e graciosa e denota uma extraordinária solução técnica-existencial ao colocar os filhos deste importante anão da IV-V dinastia a ocupar a posição das suas pernas, como que disfarçando intencionalmente o espaço deixado vago pelas suas pequeninas pernas, cruzadas, deformadas. Os filhos, que, na concepção existencial egípcia, garantiriam a prestação do culto funerário a seu pai e, assim, a sua vida eterna, permi-

tindo-lhe caminhar no Além, são, neste mundo, pelo menos nesta estátua, as suas «pernas», aqueles que, mais tarde, lhe permitiriam esse «caminhar». A mensagem estética cruza-se muito bem com a mensagem ideológica. Esta é proclamada por aquela<sup>76</sup>.

Também a estátua sentada de basalto negro do dançarino anão Pereniankhu (48 cm de altura), cujo túmulo, da IV dinastia (talvez reinado de Khafré), foi descoberto em Guiza (túmulo G 1700), em 1990, por Zahi Hawass, que segura nas suas mãos um longo bastão (mão esquerda) e um ceptro-*sekhem* (mão direita), demonstra igualmente a sua importância da hierarquia da corte egípcia: ele era «O conhecido do rei, o anão do Grande Palácio», «o bailarino

75 - Cf. M. FAYAL, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 168; C. KOZMA, «Dwarfs in Ancient Egypt», pp. 306, 307; J. TASSINARI, A. SIST, «First dwarf represented: ancient Egypt 2520 B.C.», em *Journal of Endocrinological Investigation*, vol. 39, issue 4, 2016, pp 489; N. CHERPION, «De quand date la tombe du nani Seneb?», em *BIFAO 84*, 1984, pp. 34-54, pls, 1-11; H. SOUROUZIAN, «Old Kingdom Sculpture», em Alan B. Lloyd (ed.), *A Companion to Ancient Egypt*, vol. I, Wiley-Blackwell, 2010, p. 875; M. SALEH, H. SOUROUZIAN, *Official Catalogue – The Egyptian Museum of Cairo*, pp. 72, 73; A. BONGIOANNI, M. S. CROCE, *Guide illustré du Musée Égyptien du Caire*, Vercelli: White Star Publisher, 2001, pp. 81, 586; *Egyptian art in the age of pyramids*, p. 164.

76 - Além da estátua, são também muito eloquentes os baixos-relevos do túmulo de Seneb, em Guiza (G 1036) que mostram este anão, com a sua visível deformidade, a ser transportado numa liteira, a receber fumigações por parte do seu filho ou a escutar o relatório feito por três escribas, em regra dotado de vários ceptros e bastões de poder e comando. Enfatiza-se, assim, o seu prestígio e a sua posição social (Cf. N. CHERPION, «De quand date la tombe du nani Seneb?», planches II, IV e X).

anão do Grande Palácio, aquele que agrada a sua majestade todos os dias»<sup>77</sup>.

Além disso, Pereniankhu é o único anão do antigo Egito cuja existência é suportada por evidências escritas, artísticas (estátua) e biológicas (esqueleto)<sup>78</sup>. De facto, o túmulo continha a estátua e o esqueleto de Pereniankhu e dois esqueletos de mulher e respectivas estátuas. A estátua de Pereniankhu está hoje também no Museu Egípcio do Cairo (JE 98944). Pelo esqueleto encontrado, Pereniankhu terá morrido com cerca de 40 anos de idade, talvez entre os 45 e os 50, e a estátua condiz com o esqueleto, pelo que aquela seria uma tentativa bem-sucedida de o representar. É sugerido que seria o pai do anão Seneb<sup>79</sup>.

Usando a típica cabeleira encaracolada dos altos funcionários da época, de cor acastanhada, o anão apresenta pescoço curto e grosso e uma musculatura peitoral, ombros e braços de um homem forte, de proporções normais. Os olhos são emoldurados a cor preta, enquanto a íris é pintada de branco e as pupilas de cor preta. As sobrancelhas também são bem definidas a preto. A testa tem uma cor acastanhada semelhante à da peruca. O nariz e a boca de Pereniankhu foram esculpidos com muita precisão. Todas estas características mostram o contorno delicado do rosto e a representação cuidadosa dos olhos, indicando que o artista escolheu cuidadosamente essas três para dar uma impressão muito realista do rosto do anão<sup>80</sup>. O anão Pereniankhu veste um saiote curto, pintado com uma cor branca brilhante, e usa um cinto preto.

Todos os detalhes da parte superior do tronco são proporcionais e têm as dimensões adequadas a um homem normal, sem qualquer deformidade. As pernas, porém, são curtas e ligeiramente arqueadas para fora, mostrando claramente que são deformadas, ou seja, que se trata de um anão. A análise do esqueleto de Pereniankhu mostra uma grande compressão



Fig. 19. Estátua sentada de basalto negro de Pereniankhu (48 cm de altura). IV dinastia. Guiza (túmulo G 1700). Museu Egípcio do Cairo (JE 98944).



Fig. 20. Esqueleto de Pereniankhu encontrado no túmulo.

77 - Z. HAWASS, «Statue of the dwarf *Pr-n(j)-ḥnh(w)* recently discovered at Giza», em *MDAIK* 47, 1991, pp. 158, 159.

78 - Cf. C. KOZMA, A. M. SARRY EL DIN, R. A. EL SHAFY EL BANNA, W. A. E. SAMIE KANDEEL, R. LA-CHMAN, «The ancient Egyptian dwarfs of the pyramids: The high official and the female worker», p. 1822.

79 - Cf. C. KOZMA, A. M. SARRY EL DIN, R. A. EL SHAFY EL BANNA, W. A. E. SAMIE KANDEEL, R. LA-CHMAN, «The ancient Egyptian dwarfs of the pyramids: The high official and the female worker», pp. 1818, 1819; C. KOZMA, «Genetic disorders in Ancient Egypt», em Ahmed S. Teebi (ed.), *Genetic Disorders among Arab Populations*, 2ª ed., Berlim, Springer, 2010, pp. 275, 277; C. KOZMA, «Dwarfs in Ancient Egypt», p. 307; Z. HAWASS, *Hidden treasures of the Egyptian Museum. One hundred masterpieces from the Centennial Exhibition*, Cairo, New York: The American University in Cairo Press, 2002, p. 11; *Egyptian art in the age of pyramids*, p. 299.

80 - Cf. Z. HAWASS, «Statue of the dwarf *Pr-n(j)-ḥnh(w)* recently discovered at Guiza, p. 158; *Egyptian art in the age of pyramids*, p. 299.

das múltiplas vértebras em resultado não do trabalho duro que teria executado, pois, como homem de elevado estatuto social, não o teria realizado, mas da própria patologia da acondroplasia. A exemplo de muitos outros esqueletos do antigo Egípto, a coluna vertebral do anão Pereniankhu revela artrites. A osteoartrite (cervical, torácica ou lombar) surge frequentemente na análise de múmias egípcias, situando esta doença como uma das principais patologias a afectar os antigos homens do Nilo<sup>81</sup>.

Pela observação da estátua, a perna esquerda difere da direita e mostra deformidades evidentes na parte superior, especialmente do joelho, como se o anão tivesse sofrido lesões anteriores. Contrariamente à direita, a parte inferior da perna esquerda parece estar inchada ou inflamada, talvez em resultado da suposta lesão no joelho. Uma outra explicação, de carácter médico, pode

Fig. 21. Sarcófago de Djeho, filho de Petekhons. XXX dinastia. 1,20 m de altura. Sakara Norte. Museu do Cairo, CG 29307.



ser adiantada para esta irregularidade: estaríamos perante um caso humano de moderada *bancroftian filariasis*, mais conhecida como *elephantiasis*. Se for assim, «a estátua será o mais antigo registo desta doença»<sup>82</sup>.

O cuidado técnico posto na execução desta peça e o aspecto sereno, tranquilo e poderoso conseguido tornam-na «a master piece of Old Kingdom sculpture»<sup>83</sup>, consentânea com a autoridade e a dignidade do seu proprietário. Isto significa, portanto, que o nanismo não era considerado uma limitação física e que os anões não só eram respeitados como ocuparam posições importantes na sociedade egípcia. Tal importância, atestada em vida pelos cargos na corte, continuaria na morte, ao serem sepultados no cemitério real, próximo das pirâmides<sup>84</sup>.

Entre as representações artísticas de anões do antigo Egípto é também digno de menção o sarcófago de granito de Djeho, filho de Petekhons (hoje também no Museu do Cairo, CG 29307), proveniente de um túmulo em Sakara Norte (perto do *Serapeum*), datado da época de Nectanebo II (360-348 a. C.; XXX dinastia)<sup>85</sup>. Segundo diversas informações orgu-

81 - Cf. C. KOZMA, A. M. SARRY EL DIN, R. A. EL SHAFY EL BANNA, W. A. E. SAMIE KANDEEL, R. LACHMAN, «The ancient Egyptian dwarfs of the pyramids: The high official and the female worker», p. 1822.

82 - Z. HAWASS, «Statue of the dwarf *Pr-n(j)-ḥ(w)* recently discovered at Giza, p. 158; *Egyptian art in the age of pyramids*, p. 299.

83 - Cf. Z. HAWASS, «Statue of the dwarf *Pr-n(j)-ḥ(w)* recently discovered at Giza, p. 159; *Egyptian art in the age of pyramids*, p. 163.

84 - Um outro índice do destaque conferido aos anões no antigo Egípto é a existência de deuses anões ou com características facilmente assimiláveis aos anões. O caso mais destacado é o deus Bés, cujos consideráveis poderes mágicos protegiam vivos e mortos, adultos, mulheres e crianças (Cf. J. das C. SALES, *As divindades egípcias*. pp. 318-321). O deus Ptah pode também, em certas circunstâncias, ser apresentado sob a forma de um anão, bem como o deus Pateco, considerado seu filho.

85 - Cf. B. PORTER, R. MOSS, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. III: Memphis. Part 2. Saqqara to Dahshur*, p. 501.

lhosamente inscritas no sarcófago, Djeho terá dançado nas cerimónias fúnebres dos bois Ápis e Mnévis: «Eu sou o anão que dançou em Kem e em Chenqebeh na festa da eternidade. (...) O anão que dançou em Kem, no dia do enterro de Ápis-Osiris, o grande deus, rei dos deuses; que dançou em Chenqebeh, no dia da festa da eternidade dos Osiris de Mnévis, o grande deus»<sup>86</sup>. Poder um anão, com a sua evidente deformação física, desempenhar tais funções rituais de dança em honra dos touros sagrados é também um sinal inequívoco da aceitação e integração social destes indivíduos na sociedade egípcia, aqui de época já tardia. Neste caso, o aspecto excepcional nem é o papel privilegiado desempenhado nos funerais ou a inscrição comemorativa dando conta dos seus actos e das suas qualidades quase reais, mas sim a representação iconográfica incluída no sarcófago.

De facto, a figura (1,20 m) é em si notável: Djeho está nu e é mostrado em perfil completo voltado à direita, à excepção do seu olho direito que, de acordo com as regras de representação egípcias, é representado de frente. Esta opção pelo perfil permite uma figuração mais detalhada da anatomia do que é normal, permitindo perceber claramente a malformação óssea, nomeadamente a lordose, ou seja, a curvatura da coluna lombar para dentro. Ainda assim, o tratamento é fortemente plástico, com os membros e a musculatura proeminentes suavemente modelados<sup>87</sup>.

Por fim, uma referência a uma peça de alabastro, de ouro, de pedras duras, marfim e pasta de vidro, do mobiliário funerário de Tutankhamon, no Museu Egípcio do Cairo, com cerca de 37 cm de altura por 58,3 cm de comprimento, que mostra uma embarcação, flutuando, sobre uma arca rectangular também de alabastro (JE 62120). O centro da embarcação é ocupado por uma edícula, com colunas de duplo capitel de flores de lótus, das quais saem, por sua vez, flores de papiro, que suportam o tecto. Na proa está uma jovem rapariga, nua, de joelhos no chão, segurando uma flor de lótus. Na popa, de pé, está uma anã, também nua, com o triângulo púbico marcado a negro. As características físicas do nanismo são representadas de forma realista<sup>88</sup>.

A tuberculose (*Mycobacterium tuberculosis*) é uma doença infecto-contagiosa causada por uma bactéria que pode acometer vários órgãos, como os rins, os ossos, o sistema ner-



Fig. 22. Modelo de barco em alabastro. XVIII dinastia. túmulo de Tutankhamon. Museu Egípcio do Cairo (JE 62120).

86 - Cf. J. BAINES, «Merit by proxy: the biographies of the dwarf Djeho and his patron Tjaiharta», em *JEA* 78, 1992, pp. 241-246.

87 - Cf. J. BAINES, «Merit by proxy: the biographies of the dwarf Djeho and his patron Tjaiharta», pp. 248, 249.

88 - Cf. A. BONGIOANNI, M. S. CROCE, *Guide illustré du Musée Égyptien du Caire*, pp. 288, 599; C. KOZMA, A. M. SARRY EL DIN, R. A. EL SHAFY EL BANNA, W. A. E. SAMIE KANDEEL, R. LACHMAN, «The ancient Egyptian dwarfs of the pyramids: The high official and the female worker», p. 1821.

voso, o coração e os intestinos, sendo as suas principais formas a tuberculose pulmonar e a óssea. Em termos médicos, distingue-se a tuberculose pós-natal (contraída, portanto, depois do nascimento) da tuberculose congénita, ou seja, a infecção do feto (fígado e/ou pulmões) contraída ainda no útero materno ou durante o próprio parto, por aspiração ou inalação de materiais infectados provenientes da mãe. É neste sentido que a incluímos aqui na categoria das doenças congénitas.

Em representações, esqueletos e múmias encontram-se igualmente muitos corcundas (*iw*, *iu*), ou seja, indivíduos da sociedade egípcia afectados pela tuberculose ou bacilo de Koch, também chamada doença de Pott. As análises morfológicas e microscópicas de esqueletos de mú-



Figs. 23 e 24. Múmia de Nesiparehan, sacerdote de Amon. XXI dinastia.

mias egípcias (de adultos e de crianças) e das suas lesões mostram sinais de três tipos de tuberculose: tuberculose óssea (lombar e sacro-lombar), tuberculose pulmonar e espondilite tuberculosa. Determinadas deformações angulares da coluna vertebral (em egípcio *ibt*, *iat*) como cifoses e escolioses são explicadas também em resultado de tuberculoses, já que a escoliose raquítica seria extremamente improvável num país como o Egipto com um clima tão solar<sup>89</sup>.

Estão identificados casos em objectos cerâmicos e em estatuetas de madeira que remontam à Época Pré-dinástica (caso de duas figuras em madeira, hoje

no Musées Royaux d'Art et d'Histoire de Bruxelles, com marcas de cifoses e cifoescioses dorsais<sup>90</sup>). São também conhecidos casos representados em relevos do Império Antigo (IV dinastia) e do Império Médio (túmulo de Baket I, em Beni Hassan), além do caso conhecido da múmia de Nesiparehan, sacerdote de Amon da XXI dinastia, que apresenta várias lesões de tuberculose osteo-articular<sup>91</sup>. A múmia apresenta uma destruição das quatro últimas vértebras dorsais e da primeira lombar, associada a um volumoso

89 - A. G. NERLICH, C. J. HASS, A. ZINK, U. SZEIMIES, H. G. HAGEDORN, «Molecular evidence for tuberculosis in an ancient Egyptian mummy», em *The Lancet*, vol. 350, 1997, p. 1404; A. ZINK, C. J. HASS, U. REISCHL, U. SZEIMIES, A. G. NERLICH, «Molecular analysis of skeletal tuberculosis in an ancient Egyptian population», em *J Clin Microbiol.* vol. 50, 2001, pp. 355-366; M. R. ZIMMERMAN, «Pulmonary and Osseous. Tuberculosis in Egyptian Mummy», em *Bull N Y Acad Med* 55, 1979, pp. 604-608; D. MORSE, D. R. BROTHWELL, P. J. UCKO, «Tuberculosis in Ancient Egypt», em *Am Rev Resp Dis* 90, 1964, pp. 524-541; M. R. ZIMMERMAN, «Pulmonary and Osseous. Tuberculosis in Egyptian Mummy», p. 606; H. MAHRAN, S. M. KAMAL, «Physical Disability in Old Kingdom Tomb Scenes», p. 178.

90 - Cf. B. ZISKIND, B. HALIOUA, «La tuberculose en ancienne Égypte», em *Ver Mal Respir* 24, 2007, p. 1279; E. STROUHAL, *A Vida no Antigo Egipto*, p. 249, fig. 268.

91 - Cf. M. FAYAL, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 73; V. DASEN, «Dwarfism in Egypt and Classical Antiquity: Iconography and Medical History», p. 266; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 73.

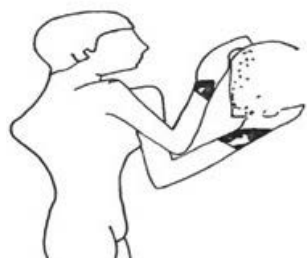


Fig. 25. Representação de uma mulher com cifose no túmulo de Sechemnefer I (G 4940). V dinastia. Guiza.

Fig. 26. Vaqueiro com corcunda no túmulo de Ptahhotep. V dinastia. Sakara.

abcesso da bainha do mais profundo e estabilizador músculo do corpo humano, o psoas, todos indícios do mal de Pott<sup>92</sup>.

Da V dinastia é também conhecida a representação de uma mulher com cifose no túmulo de Sechemnefer I (G 4940), em Guiza<sup>93</sup>. No túmulo de Ptahhotep, em Sakara, um vaqueiro que prende uma vaca com uma corda denota igualmente uma considerável corcunda<sup>94</sup>. Também em Sakara, no túmulo de Nikahem e Sekhemenhathor, surge representado um homem conduzindo um cão pela trela com a mesma deformidade na coluna<sup>95</sup>.

O aumento significativo dos casos de tuberculose no início do período dinástico, época que coincide com a domesticação dos animais, permite especular que a *Mycobacterium tuberculosis* pode ter evoluído a partir da *Mycobacterium bovis*, ou seja, que o bacilo passou dos animais para o homem<sup>96</sup>.

Entre a iconografia egípcia que nos mostra casos da doença de Pott estão também uma estátua de madeira pintada da V dinastia, proveniente de Sakara, representando um homem com uma acentuada deformação óssea (cifose) nas costas e no peito (Museu Egípcio do Cairo, JE 52081)<sup>97</sup>, o harpista corcunda desenhado sobre *óstracon* de Deir el-Bahari (hoje no Metropolitan Museum of Art de New York, 23.3.31), o jardineiro com escoliose operando um *chaduf* representado numa pintura mural do túmulo do arquiteto Ipuí (TT 217), da XX dinastia (reinado de Ramsés III), em Deir el-Medina (também no Metropolitan Museum of Art de New York, 30.4.115)<sup>98</sup>.

92 - Cf. B. ZISKIND, B. HALIOUA, «La tuberculose en ancienne Égypte», p. 1281.

93 - Cf. H. MAHRAN, S. M. KAMAL, «Physical Disability in Old Kingdom Tomb Scenes», pp. 179, 180.

94 - Cf. H. MAHRAN, S. M. KAMAL, «Physical Disability in Old Kingdom Tomb Scenes», pp. 180, 181.

95 - Cf. H. MAHRAN, S. M. KAMAL, «Physical Disability in Old Kingdom Tomb Scenes», p. 181. Neste artigo podem ainda ser vistas mais três representações parietais de cifoses do Império Antigo, encontradas nos túmulos de Nikauisesi, em Sakara, de Akhmerutnisu, de Khafréankh, e de Ankhuedjes, todos em Guiza, além da menção a outra patente nos túmulos de Khunra, igualmente em Guiza (Cf. H. MAHRAN, S. M. KAMAL, «Physical Disability in Old Kingdom Tomb Scenes», pp. 182-184).

96 - M. R. ZIMMERMAN, «Pulmonary and Osseous. Tuberculosis in Egyptian Mummy», p. 607.

97 - Cf. C. REEVES, *Egyptian Medicine*, p. 32.

98 - Cf. B. ZISKIND, B. HALIOUA, «La tuberculose en ancienne Égypte», pp. 1279, 1280; C. K. WILKINSON, *Egyptian Wall Paintings. The Metropolitan Museum of Art's. Collection of Facsimiles*, New York: Metropolitan Museum of Art, 1983, pp. 146, 147.

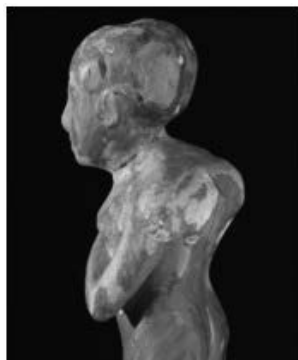


Fig. 27. Estátua de madeira pintada da V dinastia. Sakara. Museu Egípcio do Cairo (JE 52081).



Fig. 28. Harpista corcunda. Óstracon de Deir el-Bahari. The Metropolitan Museum of Art of New York (23.3.31).



Fig. 29. Jardineiro com escoliose. Pintura do túmulo de Ipuí (TT 217). XX dinastia. The Metropolitan Museum of Art of New York (30.4.115).

A tuberculose afectou os antigos Egípcios e concorreu para a brevidade da esperança de vida de alguns dos seus membros que se situava entre os 30 e os 35 anos. Muitos apresentavam tumefacções cervicais correspondentes a adenopatias tuberculosas. Os papiros medicinais egípcios (ex.: *Papiro Ebers* e o *Papiro de Berlim*) propõem numerosas preparações (planta-*djaret*, mel, tâmaras ou trevo doce) para combater a tosse, bem como fumigações, inalações e uma alimentação particularmente rica<sup>99</sup>.

As bactérias da lepra (*Mycobacterium leprae*) e da tuberculose (*Mycobacterium tuberculosis*) são do mesmo género, mas a peste não terá existido no Egipto durante o período faraónico clássico, enquanto, como vimos, a tuberculose era relativamente comum. Oriunda da China, a peste terá sido introduzida no Egipto, via Índia, cerca de 327-326 a.C., pelos soldados de Alexandre Magno<sup>100</sup>.

Se bem que muitas das representações egípcias nos comprovem as síndromas de cifoses e escolioses de muitos antigos Egípcios por razões congénitas, é de referir também que muitas deformações podem ter derivado do exercício de determinadas profissões/actividades que os obrigavam a esforços consideráveis e poses desconfortáveis e prolongadas<sup>101</sup>. A deformação angular dos jardineiros que, devido à sua actividade, andavam quase sempre com a coluna vertebral dobrada, é interpretada como uma «patologia ocupacional», ou seja, resultante do seu trabalho<sup>102</sup>.

Há também vários testemunhos de problemas ósseos entre os antigos Egípcios. Sem sermos exaustivos, centremo-nos nos casos de «*genure curvatum*», de poliomielite e de necrose óssea. O «*genure curvatum*» é uma das doenças que faz com que a perna fique côncava e que

99 - Cf. B. ZISKIND, B. HALIOUA, «La tuberculose en ancienne Égypte», p. 1279.

100 - Cf. R. SULLIVAN, «A brief journey into medical care and disease in Ancient Egypt», p. 143; C. REEVES, *Egyptian Medicine*, p. 32.

101 - Cf. H. MAHRAN, S. M. KAMAL, «Physical Disability in Old Kingdom Tomb Scenes», pp. 184, 185.

102 - Cf. R. L. MILLER, «Palaeoepidemiology, literacy, and medical tradition among necropolis workmen in New Kingdom Egypt», em *Medical History*, 35, 1991, p. 14; C. S. HEBRON, *Aspects of health, injury and disease amongst the non-elite workforces of Dynastic Egypt*, p. 97.



Fig. 30. Túmulo de Ptahhotep (mastaba D64). V dinastia. Sakara.



Fig. 31. Túmulo de Ihi/Idut. V dinastia. Sakara.

a curva da articulação do joelho fique voltada para trás. Esta doença é mais frequente nas mulheres do que nos homens e causa forçosamente dificuldades na locomoção. Entre as causas deste problema podem estar uma ruim estrutura óssea, fracturas nos ossos ou nas articulações ou fraqueza dos músculos devido a poliomielite no joelho<sup>103</sup>. No *Papiro Ebers*, esta doença é designada como *kt nt rd-hm.s*, *ket net red-hemes*, «o joelho que balança para trás».

Há dois exemplos significativos desta deformidade que nos chegaram do Império Antigo que merecem referência: o primeiro é visível no túmulo de Ptahhotep, em Sakara, num vaqueiro que conduz uma vaca<sup>104</sup>; o segundo, muito similar ao anterior, também da V dinastia, encontra-se no túmulo de Ihi (depois reaproveitando por Idut), também em Sakara, onde um outro vaqueiro conduz uma vaca atrelada<sup>105</sup>. Além destas representações, outras se poderiam indicar em relação a problemas ósseos (eventualmente com infecções de poliomielite e nesse caso estaríamos perante casos de *genuvalgum*) que forcem os doentes a apoiarem-se em longos bastões, para os ajudar na marcha. Neste caso, basta mencionar os casos de um vaqueiro no túmulo da rainha Mersiankh III, esposa do faraó Khafré (C 7530-7540), em Guiza (IV dinastia)<sup>106</sup>, de outro no túmulo de

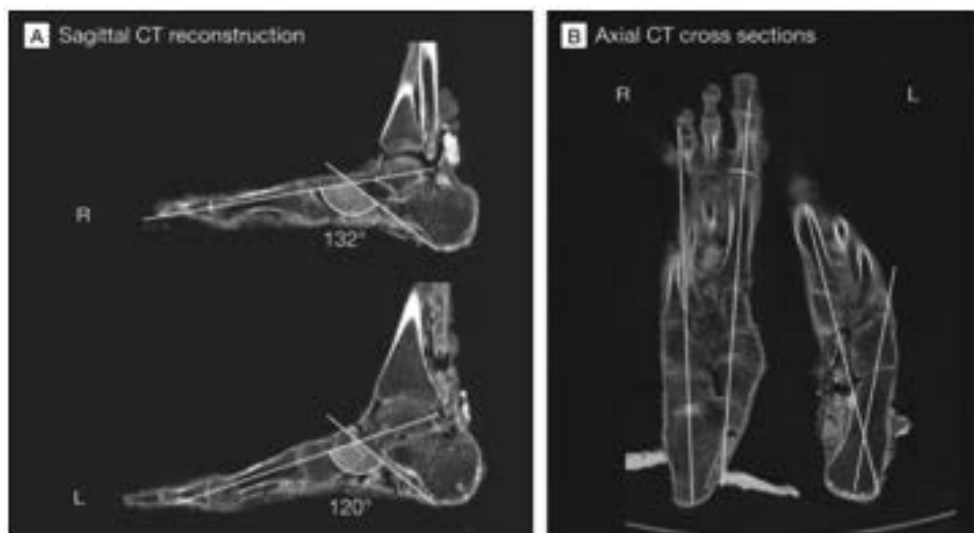
133

103 - Cf. H. MAHRAN, S. M. KAMAL, «Physical Disability in Old Kingdom Tomb Scenes», p. 175.

104 - Cf. H. MAHRAN, S. M. KAMAL, «Physical Disability in Old Kingdom Tomb Scenes», p. 173; Y. HARPUR; P. J. SCREMIN, *Chapel of Ptahhotep: Scenes details*, Reading: Oxford Expedition to Egypt, 2008, p. 326, pls. 264, 267.

105 - Cf. H. MAHRAN, S. M. KAMAL, «Physical Disability in Old Kingdom Tomb Scenes», p. 174; N. KANAWATI, M. ABDER-RAZI, *The Unis Cemetery at Saqqara, vol.2: The Tombs of Iyefert and Ihy*, Oxford: Aris and Phillips, 2003, pl. 71. Para outros dois exemplos de *genu recurvatum* patentes na arte tumular egípcia, ver C. S. HEBRON, *Aspects of health, injury and disease amongst the non-elite workforces of Dynastic Egypt*, pp. 96, 100-102.

106 - Cf. H. MAHRAN, S. M. KAMAL, «Physical Disability in Old Kingdom Tomb Scenes», p. 176; D. DUNHAM, W. K. SIMPSON, *The Mastaba of Queen Mersyankh III G.7530-7540*, Boston: Museum of Fine Arts, 1974, pl. IV, fig. 4.



Figs. 32 e 33. Necrose óssea de Tutankhamon: pé esquerdo torto.

Iimeri (G 6020), em Guiza (V dinastia)<sup>107</sup>, e de Nikauisesi no seu túmulo em Sakara (VI dinastia)<sup>108</sup>.

A «autópsia virtual» feita à múmia de Tutankhamon em 2010 revelou que ele terá morrido na sequência de complicações derivadas de problemas de saúde congénitos<sup>109</sup>. As radiografias dos pés do faraó provam que tinha um pé torto (o esquerdo), devido a uma necrose óssea, o que explicaria as 132 bengalas depositadas no KV 62 e hoje expostas no Museu Egípcio do Cairo<sup>110</sup>. Não estaríamos perante um «coleccionador de bengalas», como Howard Carter sugeriu, mas perante alguém que delas necessitava para a sua locomoção. Além da deformidade no pé, as imagens da cabeça e do corpo revelam que jovem faraó tinha uma morfologia peculiar, com o lábio superior proeminente e quadris quase femininos.

Não entrando na divisão maior doenças adquiridas/doenças congénitas, os «acidentes de trabalho» deixaram também as suas marcas na população egípcia: os corpos dos trabalhadores das pirâmides, por exemplo, mostram importantes patologias da coluna. Parale-

107 - Cf. H. MAHRAN, S. M. KAMAL, «Physical Disability in Old Kingdom Tomb Scenes», p. 175; K. R. WEEKS, *Mastabas of Cemetery G 6000*, Boston: Museum of Fine Arts, 1994, p. 42 (segundo registo), fig. 36.

108 - Cf. H. MAHRAN, S. M. KAMAL, «Physical Disability in Old Kingdom Tomb Scenes», p. 177; N. KANAWATI, «Decoration of Burial Chambers, Sarcophagi and Coffins in the Old Kingdom», em *Supplementaux Annales du Service des Antiquités de L'Égypte*, Cahier n° 34, Studies in Honor of Ali Radwan, volume II, Caire: Publications du Conseil Supreme des Antiquités d'Égypte, 2005, pp. 55, 56; N. KANAWATI, R. ABDER, *The Teti Cemetery at Saqqara: vol. VI. The Tomb of Nikauisesi*, Warminster: Aris and Phillips, 2000.

109 - A «autópsia» consistiu na análise de 2000 imagens digitais – como ressonâncias, tomografias e exames de raios-x – e testes de DNA, que sugerem que a sua doença de ossos terá sido herdada, provavelmente devido a ser filho de um incesto entre irmãos.

110 - Algumas dessas bengalas estão inventariadas sob as referências JE 61638, 61673, 61674, 61653, 61665, 61666, 61726-61728, 61732-61737, 61754, etc.

lamente, podem imaginar-se as diversas fracturas ósseas (*hsb, sd, thm; hesed, sed, tehem*), luxações (*wnh, uenekh*) e entorses (*nrwt, nerut*) que, certamente, afectaram muitos dos trabalhadores da pedra. Pelas informações fornecidas pelos papiros médicos, os Egípcios distinguiram as fracturas ósseas simples (*sedj*), quando o osso estava partido em dois, das complicadas (*pechen*), nas quais havia vários fragmentos<sup>111</sup>. Carregar pesos, em geral, provocou também seguramente muitos traumatismos, degenerescências cervicais e musculares, artrites...

A literatura egípcia guarda registos alusivos a problemas de saúde provocados pelas ocupações laborais. A conhecida *Sátira dos Ofícios*, datada do Império Médio, contempla as seguintes referências onde se podem perceber alusões à dor e ao sofrimento físico:

«O canteiro separa excelentemente todas as espécies de pedras duras; quando termina, os seus braços estão arruinados e ele abatido. Senta-se ao crepúsculo; doem-lhe os joelhos e a coluna vertebral. [...].

Falo-te ainda do pedreiro; doem-lhe os rins; está de pé, exposto às intempéries [...].

O trabalhador dos campos passa a vida a lamentar-se, tem voz rouca como a do corvo. Tem feridas fétidas nos dedos e nos braços. [...]. Sente-se tão bem como se estivesse entre os leões; o sofrimento é o seu quinhão, pois a corveia é frequentemente triplicada. Quando abandona o campo e regressa a casa, à tardinha, fica exausto com o caminho. [...]

O jardineiro carrega um jugo e com a idade os seus ombros ficam dobrados. Há um inchaço em seu pescoço»<sup>112</sup>

## Médicos

Como deixam perceber muitos textos medicinais incluídos nos papiros médicos que chegaram até aos nossos dias, os *swnw, sunu*, «Aqueles daqueles que sofrem», «médicos», usavam nas suas mezinhas, fruto do saber multimilenar acumulado e da sua experiência empírica, muitas ervas naturais que mencionámos antes, que serviam para inalações, defumações ou componentes dos remédios, macerados e/ou dissolvidos em água, vinho, cerveja, mel ou leite (os «veículos» a que já fizemos alusão). Complementarmente, dispunham de alguns instrumentos auxiliares para os seus diagnósticos e terapêuticas, com a finalidade de promoverem a saúde, prevenindo, diagnosticando e/ou tratando das doenças e/ou da reabilitação dos doentes<sup>113</sup>.

111 - Cf. E. STROUHAL, *A Vida no Antigo Egipto*, p. 246.

112 - Cf. C. LALOUETTE, *Textes sacrées et textes profanes de l'ancienne Égypte. I. Des pharaons et des hommes*, Paris: Gallimard, 1984, pp. 193-196; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, pp. 179-203; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature. Volume I: The Old and Middle Kingdoms*, pp. 184-192; T. F. CANHÃO, *Textos da literatura egípcia do Império Médio. Textos hieroglíficos, transliterações e traduções comentadas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, pp. 875-946.

113 - Os hieróglifos usados para escrever *sunu*, além do determinativo que é um homem ajoelhado, incluem um vaso para produtos ou líquidos e uma seta, fazendo do indivíduo designado «aquele que remove setas», ou seja, que reúne competências para o fazer. A interpretação de que estaríamos perante um vaso medicinal e uma lanceta para

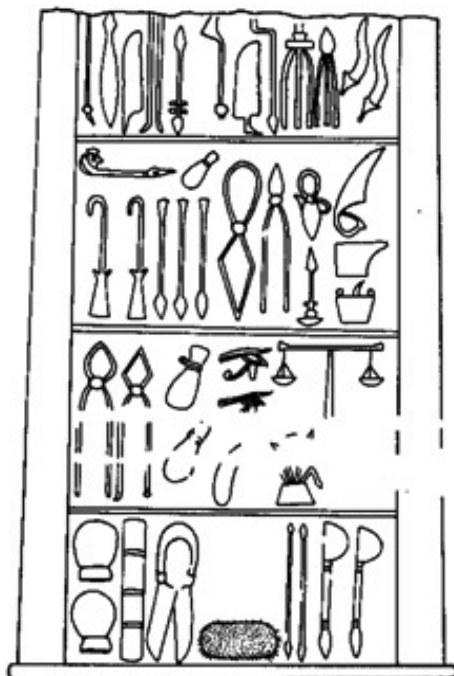


Fig. 34. Os hieróglifos egípcios usados para escrever *swnw*, *sunu*, «médico»: um vaso para produtos ou líquidos e uma seta, seguidos dos determinativos (homem ajoelhado ou homem, de pé, apoiado num comprido bastão).

pipetas (extrair líquidos), craneoclastros, lancetas, facas, pinças e ganchos para segurar tecidos, pipetas para aplicar unguentos, almofarizes (para triturar substâncias), frascos para clister líquidos pelo ânus), caixas de instrumentos cirúrgicos, ligaduras, recipientes para ventosas, tesouras, esponjas, escalpelos (bisturis ou facas), etc. Adicionalmente, esta «mesa cirúrgica e

A julgar pelos vários registos do painel dos instrumentos médicos do templo de Kom Ombo (Época Greco-romana, período ptolemaico), os médicos egípcios valiam-se de instrumentos vários, a maioria de cobre: duplo ganchos rombos, serras para osso, cateteres (extrair líquidos), cautérios (cauterizar; queimar), cateteres uretrais (homens adultos), fórceps para extracção de dentes e de ossos, sondas simples e duplas, espéculos trivalves (para dilatar cavidades),

Figs. 35 e 36. Painel de instrumentos cirúrgicos. Deambulatório do templo de Kom Ombo. Época Greco-romana, período ptolemaico.



abrir abscessos é incorrecta. Por vezes, usa-se também o determinativo de um homem, de pé, apoiado num comprido bastão. É um elemento também usado para «velho, ancião», indicando provavelmente que o médico era um venerável indivíduo já com alguma idade (Cf. C. REEVES, *Egyptian Medicine*, pp. 21, 22; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 115).

instrumental» não deixa de incluir uma representação do Olho de Hórus, o amuleto básico da saúde e unidade de referência e de medida dos antigos Egípcios, embora também incluía uma pequena balança romana, destinada à justa calibração das doses/pesos dos ingredientes das receitas, desconhecida ou não praticada na medicina faraônica que em vez do peso dos ingredientes preferia o volume<sup>114</sup>.

Na globalidade, estamos, todavia, perante instrumentos de uma época relativamente tardia da história egípcia e não há certezas de que todos eles ou alguns deles tenham sido utilizados no período faraônico clássico<sup>115</sup>. Mas se os instrumentos são romanos no estilo, isso não invalida nem menoriza a cultura médica egípcia a que se vieram agregar. Estar este painel de instrumentos cirúrgicos literalmente embebido nas paredes do deambulatório de um templo egípcio com funções curativas, fazem dele um elemento da medicina egípcia e do contexto cultural egípcio.

No entanto, a diversidade de instrumentos, bem como os diferentes títulos usados pelos *sunu* egípcios, atestam que havia várias especialidades médicas. O próprio Heródoto sugere a mesma conclusão, comprovando a reputação de que os médicos egípcios gozavam no mundo antigo: «Entre os Egípcios, a medicina está dividida em especialidades: cada médico cuida de uma doença e de uma só. O país está cheio de médicos, especialistas dos olhos, da cabeça, dos dentes, do estômago ou ainda de doenças de origem desconhecida.» (Heródoto, *História*, II, 84). Embora haja exagero na afirmação herodotiana, havia, de facto, médicos dos olhos ou oftalmologistas (*swnwirty*, *sunuirti*), dentistas (*iryibeh*, *iri ibeh*), odontologistas, «médicos das doenças escondidas», especialistas dos «órgãos do corpo escondidos dos olhos» e «dos líquidos dissolvidos nos fluidos» (*aaa mu em-khenu netetet*)<sup>116</sup>.

Os «médicos» egípcios eram verdadeiros *experts* na arte curativa, na aplicação de cataplasmas, na administração de poções eficazes e na sugestão do valor terapêutico da magia (convocando deuses e gênios, usando amuletos e fórmulas), no fundo na gestão de todos os procedimentos tendentes a manterem ou a restaurarem o bem-estar e a boa saúde (*snb*, *seneb*) dos membros da comunidade.

Uma interessante cena do túmulo do escultor Ipui (TT 264), da XX dinastia (reinado de Ramsés III), em Deir el-Medina, mostra com algum humor aquilo que poderíamos chamar de síntese de acidentes de trabalho ou de medicina do trabalho: um trabalhador atingido por um pesado maço sobre um pé ergue os braços em sinal de dor e de surpresa, eventualmente gri-

---

114 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 140, 164, 165; C. ROSSI, «Science and Tehnology: Pharaonic. 4. Medicine», pp. 398, 399; M. A. DOLLFUS, «L'ophtalmologie dans l'ancienne Égypte», pp. 15, 16; R. K. RITNER, «Innovations and Adaptations in Ancient Egyptian Medicine», pp. 113, 114.

115 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 6, 24, 163.

116 - Ver tabelas com especialidades e títulos hierárquicos dos antigos médicos egípcios em J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 117-119. Sobre os paramédicos (farmacêuticos, enfermeiras, parteiras, fisioterapeutas, etc.), ver pp. 132-134. Certos baixos-relevos tumulares (ex.: mastabas de Niankhkhnem e Khnumhotep, da V dinastia, reinado de Niuserré; de Ankhmahor e de Khentika, da VI dinastia, reinados de Teti e de Teti/Pepi I, respectivamente, todas em Sakara, mostram cenas de massagens, de manicure e pedicure ou de medicina física que são de incluir na categoria de fisioterapia, embora não pareçam ser *sunu* que as executam (Cf. E. STROUHAL, *A Vida no Antigo Egípto*, p. 89; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 133, 136).

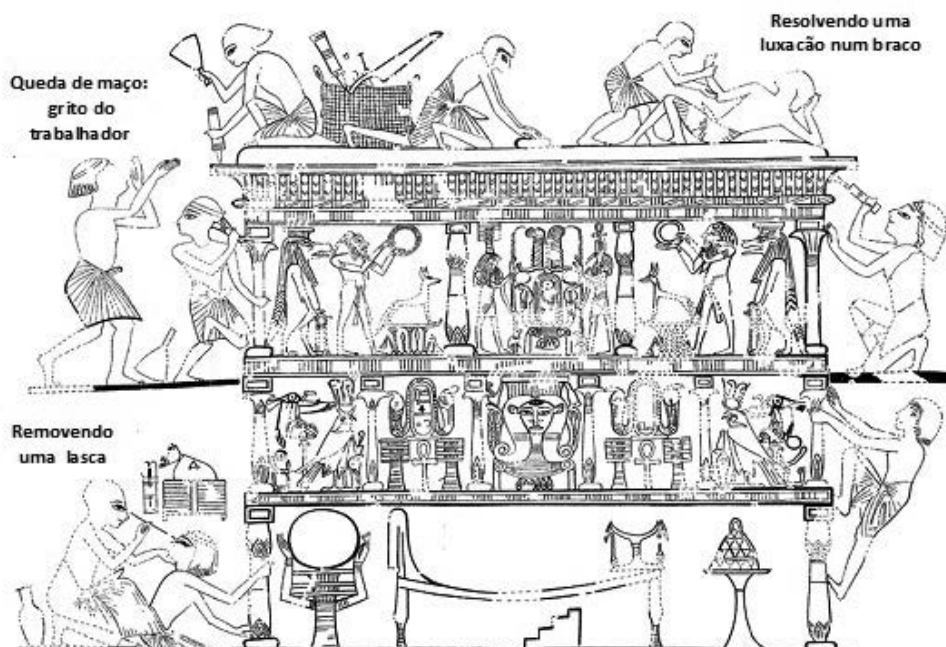


Fig. 37. Acidentes de trabalho/Medicina do trabalho no antigo Egipto. Túmulo de Ipui (TT 264). XIX dinastia (reinado de Ramsés II). Deir el-Medina.

138

tando também, de dor ou na procura de ajuda; outro trabalhador é ajudado por um médico que lhe retira uma lasca de um olho, com um estilete afiado; um outro médico ajuda um trabalhador, caído, com uma luxação num cotovelo ou num ombro, tentando recolocá-lo no lugar<sup>117</sup>. Os médicos em acção nesta cena dos carpinteiros não estão identificados, são anónimos, uma vez que o importante não era conhecer os seus nomes, mas sim perpetuar o conhecimento da sua actividade e a sua forma de actuação.

Não surpreende, pois, que os médicos fossem uma das profissões mais respeitadas do antigo Egipto, o que lhes conferia a honra de serem representados na arte tumular parietal segurando bastões de comando e ceptros *sekhem*, isto é, símbolos de autoridade e de poder. Há dados que sustentam que já no Império Antigo o exercício da medicina estava entregue a especialistas e que existiram escolas de medicina em Heliópolis e Sais, junto dos santuários de Atum e de Neit<sup>118</sup>. Nos restantes templos, nas chamadas, *per ankh*, «Casas de Vida», é provável que houvesse também ensinamentos e aprendizagens que hoje incluiríamos na categoria de medicina.

Através dos registos escritos, pode perceber-se que havia uma hierarquia na actividade dos

117 - Cf. P. GHALIOUNGUI, *Les médecins de l'Égypte pharaonique*, Alexandrie: Les Publications de l'Atelier d'Alexandrie, 1981, pp. 7, 9, 10; Facsimile: Metropolitan Museum of Arts de New York, 30.4.116; R. L. MILLER, «Palaeoepidemiology, literacy, and medical tradition among necropolis workmen in New Kingdom Egypt», pp. 7-9; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 56, 57, 179.

118 - Cf. A. ERMAN, H. RANKE, *La Civilisation Égyptienne*, pp. 459-461.

médicos egípcios: acima dos ordinários *sunu* havia o *khrep-sunu* (*hrp-swnw*), «administrador dos médicos», o *heri sunu* (*hri swnw*), «superior dos médicos», o *uer-sunu* (*wr-swnw*), «chefe dos médicos»; o *imi-ra sunu* (*imy-r swnw*), «director dos médicos», o *shedj sunu* (*shd swnw*), «inspector dos médicos», o *semesu-sunu* (*smsw-swnw*), «o mais antigo dos médicos», e o *imi-ra gesui depet per aá sunu* (*imy-r gswy dpt pr ʕ swnw*), «superintendente dos dois lados do barco dos médicos do palácio». Todos estes títulos hierárquicos estão atestados desde o Império Antigo<sup>119</sup>.

Outros títulos bem conhecidos eram os de «médico da Casa Grande ou Palácio», *sunu per aá* (*swnw pr ʕ*), ou seja, «médico da corte», e *sunu en nesu* (*swnw n nsw*), «médico do rei». Acima de todos estes médicos, no Norte do Egito, existia um «chefe dos médicos do Norte» e no Sul, o «chefe dos médicos do Sul». Estes, por sua vez, estavam sob a autoridade de um chefe supremo, o «chefe dos médicos do Sul e do Norte» e de um «chefe dos médicos dos Dois Países» (*imi-ra sunu neb tauí, imy-r swnw nb t3wy*)<sup>120</sup>.

Ademais, é possível identificar os nomes e os títulos de alguns médicos famosos<sup>121</sup>: o «chefe dos dentistas e dos médicos» (*wr ibh swnw, uer ibeh sunu*)

#### MASSAGENS NO ANTIGO EGÍPTO.



Fig. 38. Mastaba de Niankhkhnume Khnumhotep, V dinastia (reinado de Niuserre). Sakara.

Fig. 39. Mastaba de Khentika. VI dinastia (reinados de Teti/Pepi I), Sakara.

Fig. 40. Mastaba de Ankhmahor. VI dinastia (reinado de Teti). Sakara.

119 - Cf. P. GHALIOUNGUI, *Les médecins de l'Égypte pharaonique*, p. 6; C. REEVES, *Egyptian Medicine*, p. 21; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 116, 117.

120 - Sobre os títulos dos médicos egípcios, suas conexões e épocas de ocorrência, ver J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp.116-119.

121 - Há registros de cerca de 120 médicos que chegaram até nós (Cf. P. GHALIOUNGUI, *Les médecins de l'Égypte pharaonique*, p. 6). No seu trabalho, J. F. Nunn alista 150 médicos conhecidos do antigo Egito, desde o Império Antigo (III dinastia, reinado de Netjerkhet Djoser) até a Época Tardia (XXVII dinastia, reinado de Cambises), ou seja, para um período de cerca de 2500 anos. No entanto, temos de admitir que alguns dos títulos associados a esses indivíduos fossem mais honoríficos do que propriamente relacionados com uma função real, que efectivamente desempenhassem com mestria e sucesso (Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 211-214; R. K. RITNER, «Innovations and Adaptations in Ancient Egyptian Medicine», pp. 116, 117; S. QUIRKE, *Exploring Religion in Ancient Egypt*, p. 191).

e «chefe dos escribas reais» Hesiré (nobre do tempo do faraó Djoser, III dinastia do Império Antigo), uma espécie de «ministro da saúde», provavelmente o primeiro médico conhecido da História, em meados do século XXVII a.C., contemporâneo do célebre arquitecto Imhotep, ele próprio feito reputado médico pela tradição (foi divinizado na XXVI dinastia e identificado pelos Gregos a Asclépio e pelos Romanos a Esculápio). Os relevos em seis dos onze painéis originais de madeira do túmulo de Hesiré, Sakara, III dinastia, hoje no Museu Egípcio do Cairo (JE 28504 = CG 1427), mostram este dentista e médico usando uma cabeleira comprida, ondulada, saiote com cinto, de ponta trançada, segurando na mão esquerda um bastão e o equipamento de escriba (paleta com dois orifícios para a tinta vermelha e preta e cálamo) e na mão direita o ceptro *kheryp*, símbolo de poder e autoridade<sup>122</sup>.

Do reinado de Sahuré (V dinastia) conhece-se um «médico do nariz» chamado Sekhet-

nakht. Uma estela da VI dinastia (reinado de Pepi II), descoberta em 1926 a oeste da Grande Pirâmide, no planalto de Guiza, com 1,45 de altura por 0,90 cm de largura, apresenta o nome daquele que pode ser considerado o primeiro oftalmologista conhecido: trata-se de Pepiankhiri, «director e decano dos médicos reais, oftalmologista real, director das doenças intestinais, aquele que domina os escorpiões e é sábio»<sup>123</sup>.

Praticamente contemporâneos, há também Medunefér, «médico do Palácio e chefe dos médicos dos olhos do Palácio», e Khuy, «médico dos olhos e mágico». Na V dinastia é conhecido um outro

médico, também médico da vista, Niankhduau, cujo nome mostra que estava sob a protecção do deus Duau (deus das doenças dos olhos)<sup>124</sup>. Da V dinastia há ainda registos sobre Irnakhty, «chefe dos médicos dos olhos do Palácio», e sobre Niankhsekhemet, «inspector dos dentistas». Idu era um dos «médicos do Palácio» do rei Pepi II (VI dinastia).

Na X dinastia, na corte heracleopolitana, existiu um personagem chamado Irenakhty que entre os seus títulos contava com os de «médico da corte» (*sunu per aâ*), «inspector dos médicos da corte» (*sehedy sunu per aa*), «oftalmologista da corte» (*sunu irty per aâ*), «gastroenterologista» (*sunu khet*), «proctólogo» (*neru phuyt*) e «intérprete dos líquidos da *netetet*»

122 - Cf. M. SALEH, H. SOUROUZIAN, *Official Catalogue – The Egyptian Museum of Cairo*, p. 54; J.-C. SCHWARZ, «La médecine dentaire dans l'Égypte pharaonique», p. 37; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 124.

123 - Cf. M. A. DOLLFUS, «L'ophtalmologie dans l'ancienne Égypte», p. 13; J.-C. SCHWARZ, «La médecine dentaire dans l'Égypte pharaonique», p. 37.

124 - Cf. M. A. DOLLFUS, «L'ophtalmologie dans l'ancienne Égypte», p. 14; P. GHALIOUNGUI, *Les médecins de l'Égypte pharaonique*, p. 12.



Figs. 41 e 42. Hesiré, III dinastia (reinado de Djoser), século XXVII a. C.: o primeiro médico conhecido da História.

(*aaa mu m-khenu netetet*). Este último termo (*netetet*) parece designar a bexiga, o que faz deste médico um especialista em urologia<sup>125</sup>.

Do Império Médio, conhecemos também um sacerdote-médico (sacerdote *uab*) de Sekhmet de nome Sabni. Do Império Novo, temos uma estela que fala da história de Nefer, um médico hábil que tratou a rainha-mãe Ahmés Nefertari, esposa de Ahmés I, o fundador da XVIII dinastia, e, na mesma dinastia, no reinado de Amenhotep II, o *swnw pr ʿ3*, *sunu per-aá*, «médico do rei», Nebamun (TT 17; Dra Abu el-Naga)<sup>126</sup>. Na XXVI dinastia (século VII a. C.), Psamético-seneb é citado como médico-dentista e na XXVII dinastia, Uedjhorresnet é referenciado como *uer-sunu*<sup>127</sup>. Depois da XXVII dinastia, o termo *sunu* passa a designar também os embalsamadores, situação que se estende, pelo menos, até ao período ptolomaico<sup>128</sup>.

O mérito de terem aberto as portas da medicina às mulheres deve também ser creditado ao antigo Egito. A inscrição da estela da porta-falsa de Pesechet, encontrada no túmulo de Akhetotep, seu filho, em Guiza, datada do Império Antigo (V dinastia), menciona-a como «directora/superintendente das médicas» (*imyt-r swnw, imit-ra sunut*)<sup>129</sup>. O Império Antigo não só atesta o cargo de direcção exercido por parte de uma mulher (Pesechet), como a existência de um corpo de médicas-mulheres<sup>130</sup>.

Segundo o *Papiro Edwin Smith*, o prognóstico médico podia ser expresso de três formas distintas: «trata-se de um mal que tratarei», «trata-se de um mal contra o qual lutarei» e «trata-se de um mal que não tratarei». O primeiro prognóstico indicava que se considerava que havia excelentes hipóteses de cura. O segundo introduzia já uma ideia de dúvida e incerteza quanto aos resultados a conseguir.

O terceiro era declaradamente uma manifestação de desespero e impotência. Se quiser-



Fig. 43. Estela da porta-falsa de Pesechet, «directora/superintendente das médicas». V dinastia. Guiza.

125 - Cf. J. GORDETSKY, J. O'BRIEN, «Mysticism and Urology in Ancient Egypt», em *The Journal of Urology*, vol. 179, n.º 4, 2008, pp. 1-8; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 126, 127.

126 - Cf. J. J. SHIRLEY, «The life and career of Nebamun, the physician of the King in Thebes», em Zahi A. Hawass, Janet Richards (eds.), *The Archaeology and Art of Ancient Egypt. Essays in Honor of David B. O'Connor*, vol. II, Caire: Conseil Supreme des Antiquités de l'Égypte, 2007, pp. 381-403.

127 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 129, 214.

128 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 44, 115.

129 - Cf. P. GHALIOUNGUI, «Les plus anciennes femmes-médecins de l'Histoire», em *BIFAO* 75, 1975, pp. 160- 162,

130 - Cf. P. GHALIOUNGUI, «Les plus anciennes femmes-médecins de l'Histoire», p. 163; R. SULLIVAN, «A brief journey into medical care and disease in Ancient Egypt» p. 142; C. REEVES, *Egyptian Medicine*, p. 22; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp.124, 125.

mos usar outra fraseologia, estamos perante situações curáveis, possivelmente curáveis e incuráveis<sup>131</sup>.



Figs. 44. Túmulo de Ankhmahor, VI dinastia (reinado de Teti). Sakara.

Fig. 45. Templo de Mut. Karnak. Império Novo.

(facas de calcário ou sílex), o recurso à inalação de vinagre (ácido acético) pelo operado, que rapidamente se transforma em dióxido de carbono, actuando como analgésico ou «anestesia», e a acção de um sacerdote-operador especializado (o homem sentado na cena, *sebet-hem-ka*) colocam-na, como faz J. F. Nunn, entre as práticas cirúrgicas egípcias<sup>133</sup>. O seu fim é claramente ritual, mas o meio usado para o obter é cirúrgico.

Apesar de se aceitar que os sacerdotes (*uabu*) de Sekhmet eram reputados cirurgiões<sup>132</sup>, curiosamente, não abundam as cenas de cirurgia ou de medicina operatória. Os únicos dois casos conhecidos referem-se à circuncisão (*sb*, *seb*) e os operadores não são médicos (*sunu*), mas sim sacerdotes (*w<sup>c</sup>bw*, *uabu*). Uma das cenas, muito bem preservada, encontra-se na mastaba de Ankhmahor (sala VI), em Sakara, da VI dinastia, reinado de Teti; a outra, do Império Novo, mais danificada, no recinto do templo de Mut, em Karnak (criança de 8-10 anos).

Sobre esta intervenção relacionada com a circuncisão (*seb*) é preciso reconhecer que o procedimento tem, em princípio, uma forte componente ritual (ritual de iniciação no mundo adulto dos homens ou dos sacerdotes), mais do que médica. No entanto, no que se refere à cena do túmulo de Ankhmahor, os cuidados «técnicos» de rapar os pêlos púbicos do operado, o uso de instrumentos «esterilizados»

131 - Cf. A. ERMAN, H. RANKE, *La Civilisation Égyptienne*, p. 471; F. DAUMAS, «Une histoire de la médecine égyptienne antique», p. 173.

132 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 163; I. SHAW, P. NICHOLSON, «Medicine», em *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, p. 175; M. DAMIANO-APPIA, «Médecine et médecins», em *L'Égypte. Dictionnaire encyclopédique de l'ancienne Égypte et des civilisations nubiennes*, Paris: Gründ, 1999, pp. 176, 177; R. SULLIVAN, «The Identity and Work of the Ancient Egyptian Surgeon», p. 468.

133 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 70; A. SHAFIK, W. R. ELSEESY, «Medicine in Ancient Egypt» p. 29; C. S. HEBRON, *Aspects of health, injury and disease amongst the non-elite workforces of Dynastic Egypt*, p. 92. Sobre a circuncisão das meninas (clitoretomia), não há informação segura sobre a sua prática no antigo Egipto, embora existam referências textuais a «virgens não circuncidadas» que parecem, pelo menos, pressupor que era conhecida (CF. E. STROUHAL, *A Vida no Antigo Egipto*, p. 29).

Esta cena pode representar a circuncisão do próprio Ankhmahor, de um dos seus filhos ou talvez, apenas, o seu desejo de que a circuncisão estivesse disponível para ele e para os seus familiares masculinos no Além. As dúvidas resultam das várias possibilidades de leitura das palavras inscritas diante da personagem sentada que podem ser: «O *hem-ka* é circuncidado» ou «circuncisando: o sacerdote *hem-ka*» ou «circuncisando o sacerdote *hem-ka*» ou «Aquele que circuncisa o sacerdote *hem-ka*». O *hem-ka* tanto pode ser o paciente como o operador<sup>134</sup>.

Além dos *uabu* (sacerdotes-médicos que actuavam, sobretudo, na corte real) e dos *sunu* havia também os *s3w*, *sau*: «mágicos, adivinhos, curandeiros»<sup>135</sup>, como atesta inequivocamente o parágrafo 854a do *Papiro Ebers*:

«Se algum médico (*sunu*), sacerdote *uab* de Sekhmet ou mágico (*sau*) coloca as suas duas mãos ou os seus dedos sobre a cabeça, sobre a parte de trás da cabeça, sobre as mãos, sobre o coração, sobre os dois braços ou em cada uma de duas pernas, ele mede (ou examina) o coração por causa de seus vasos para todos os seus membros»<sup>136</sup>.

De um ponto de vista holístico, todos estes «curadores» tinham em mãos a saúde, física e espiritual, dos Egípcios, procurando, com as suas técnicas próprias, estabelecer ou restabelecer os equilíbrios energéticos, físicos e emocionais dos seus doentes.

Embora de uma forma quase esquemática e, por isso, redutora, podemos dizer que os *uabu* desempenhavam sobretudo o papel de intermediários, mediadores, entre as entidades divinas e os doentes, responsabilizando-se pelos rituais religiosos, articulados com a administração dos medicamentos, que auxiliariam na resolução das maleitas e dos traumas; os *sunu*, especialistas não religiosos, habilitados para lidarem com as doenças, com uma intervenção mais «técnica» e uma continuada prática no âmbito da medicina convencional; por fim, os *sau*, responsáveis profissionais por fórmulas mágicas, esconjuros esotéricos, uso de amuletos (*sa*) e talismãs e de intervenções mais afectas ao sobrenatural que a tradição desenvolvera e fixara<sup>137</sup>. Havia aqueles que desempenhavam as suas funções no âmbito específico de cada uma destas esferas de operação. Outros que «acumulavam» tarefas (médicos e mágicos ou médicos e sacerdotes), podendo mesmo combinar as três qualidades (como foi o caso de Niankhré)<sup>138</sup>.

Escrevendo sobre o Egito do século I a. C., Diodoro da Sicília foi também sensível ao

134 - Cf. J. CAPART, *Une rue de tombeaux à Saqqarah*, Bruxelles: Vromant & C<sup>o</sup>, Imprimeurs-Éditeurs, 1907, pp. 51, 52; M. PILLET, «Les scènes de naissance et de circoncision dans le temple nord-est de Mout, à Karnak», em *ASAE* 52, 1952, pp. 81, 82, 93-104; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 163, 169-171.

135 - Há ainda uma outra designação para «mágico» que é *hk3y*, *hekay*, mas que é muito rara, confinada ao Império Médio e directamente relacionada com o deus Heka, o deus da magia (Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 99).

136 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 113.

137 - Cf. L. M. ZUCCONI, «Medicine and Religion in Ancient Egypt», em *Religion Compass* 1/1, 2007, pp. 26, 34-36.

138 - Cf. P. GHALIOUNGUI, «La notion de maladie dans les textes égyptiens», p. 39; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 120, 135. Entre os mágicos profissionais merecem destaque os sacerdócios de Heka e de Serket (Cf. G. PINCH, *Magic in Ancient Egypt*, London: British Museum Press, 1994, pp. 52, 53).

aspecto do exercício da actividade médica, adiantando aquilo que pode ser considerado uma forma embrionária de «assistência social pública na saúde»:

«Para prevenir as doenças, tratam o corpo com lavagens, dietas e vomitórios. Alguns empregam esse método diariamente, outros fazem uso disso durante três ou quatro dias. Dizem eles que o alimento ingerido no corpo só serve para engendrar males e o tratamento indicado tira os princípios do mal e mantém a saúde. Nas expedições militares e nas viagens pelo país, todos são tratados gratuitamente porque os médicos são mantidos à custa de fundos públicos e administram os seus tratamentos de acordo com preceitos escritos, compostos no passado por um grande número de antigos médicos célebres. Se seguirem estes preceitos conforme estão redigidos no livro sagrado e não conseguirem salvar o doente, são declarados inocentes e isentos de culpa; se, ao contrário, agirem contrariamente às prescrições, podem ser julgados e condenados à morte.» (DIODORO, *Bibliotheca Historica*, 1.82.1-3).

De realçar nesta anotação de Diodoro, a tomá-la como exacta, as penalizações em que incorriam os médicos egípcios, que podiam ser julgados pelos seus actos médicos, sobretudo pelos metodologicamente mais «inovadores», e, achados culpados, condenados à morte<sup>139</sup>.

144 Emerge ainda uma outra linha que importa enfatizar: se bem que o processo de mumificação dos corpos dos membros da elite egípcia tenha contribuído de alguma forma para os conhecimentos de anatomia, os médicos egípcios (pelo menos nas épocas faraónicas clássicas) não eram os embalsamadores (sacerdotes de Anupu/Anúbis), não participavam nas operações de preparação das múmias para apreender, testar ou melhorar as suas capacidades. Não só a mumificação não tinha nada em comum com as modernas autópsias, como a fonte principal de saber, como a passagem de Diodoro deixar pressupor, eram as informações que vinham dos textos antigos, «preceitos conforme estão redigidos no livro sagrado», estudados e aprendidos nas «Casas de Vida», *per-ankh*<sup>140</sup>.

## Magia

Se bem que, como nós, experienciassem a doença ao longo da vida, os antigos Egípcios atribuíam essa nefasta experiência a causas sobrenaturais (influências malignas, *neba*, que entravam no corpo humano e se apoderavam da pessoa ou de uma parte do seu corpo), sendo, por isso, muito natural que, a par dos tratamentos, usassem também rituais mágicos (*sechau*),

---

139 - Cf. R. K. RITNER, «Innovations and Adaptations in Ancient Egyptian Medicine», p. 107; Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 98, 99.

140 - Cf. E. STROUHAL, *A Vida no Antigo Egipto*, pp. 243, 244.

fórmulas mágicas e encantamentos (*ru*)<sup>141</sup>. A magia (*heka*) era um auxiliar da medicina. Como defendia uma passagem do *Papiro Ebers* (datado de c. 1550 a.C.): «A magia torna-se efectiva com a medicina. A medicina torna-se efectiva com a magia».

Apesar de as palavras não serem o único componente de um rito mágico, pois, além delas, os objectos (pelo formato, tamanho, material, cor, etc.) ou os ingredientes usados (sangue, sêmen, urina, leite, etc.) eram igualmente importantes, a vertente verbal (escrita-oralidade ou só oralidade) era determinante. A capacidade verbal ou do poder verbal inerente às fórmulas e encantamentos, benignos e malignos, estava associada sobretudo aos sacerdotes *uab* (em especial os *khery-hebet*, *hry-hbt*, «sacerdotes-leitores»/«os encarregados dos rolos»), e aos *sau*, embora não se rejeite de todo a ideia do trabalho colaborativo benigno que podem ter desenvolvido com os *sumu*<sup>142</sup>.

Magia e religião são inseparáveis no Egipto antigo, fazendo parte do mesmo sistema de crenças<sup>143</sup>. De acordo com esta cosmovisão, não só as forças malignas como os demónios das doenças (que causavam as doenças *nesiet*) eram responsabilizados pelos males existentes, como muitas divindades do panteão egípcio supervisionavam positivamente o campo da saúde ou, dito de outra forma, das doenças; eram agentes preventivos ou curadores dos males e dos desconfortos de saúde: Heka, por exemplo, era o deus da magia e da medicina; Serket era invocada quando havia mordeduras de escorpiões, de serpentes e de animais venenosos; Sekhmet, a deusa com cabeça de leoa, era chamada para resolver vários problemas médicos e Sobek intervinha aquando de cirurgias. Além de Ísis, Hathor, Néftis, Bés, Taueret e Meskhenet, habitualmente associadas a curas em crianças e mulheres, até Set, a divindade associada ao caos, surgia em fórmulas mágicas (*akhu*, *ꜥḥw*) devido às suas protectoras qualidades e grande poder. Tot, o deus da escrita, é também de citar, pois está directamente associado à habilidade da escrita sem a qual muitos dos diversificados encantamentos terapêuticos dos papiros mágicos, dirigidos quer aos doentes quer aos génios causadores da doença quer aos seus efeitos no corpo humano, não podiam operar convenientemente.

Imhotep, que já mencionámos atrás, e Amenhotep, filho de Hapu, os sábios conselheiros dos faraós Djoser (III dinastia) e Amenhotep III (XVIII dinastia), respectivamente, que na Época Tardia foram considerados pela tradição egípcia como homens detentores da ciência mágica e sagrada do antigo Egipto, são dois mortais que ganharam reputação como curandeiros, embora nenhum tivesse sido em vida *sumu*<sup>144</sup>.

Cremos que um lugar à parte, de grande destaque, deve ser conferido ao deus Hórus. Criado por Ísis no meio de um ambiente de elevada carga mágica, Hórus ganhou no seio da

---

141 - Cf. R. LUCARELLI, «Le formule magiche contro il mal di testa (papiro Chester Beatty V) e la demonizzazione delle malattie nell'antico Egitto», em Cristiano Daglio, *medicina Egizia*, Sassari: Restless Architect of Human Possibilities sas (R.A.H.P. sas), 2010, pp. 55, 67; G. PINCH, *Magic in Ancient Egypt*, p. 45.

142 - Cf. D. FRANKFURTER, «Curses, blessings, and ritual authority: Egyptian magic in comparative perspective», em *JANER* 5, Leiden: Brill, 2006, pp. 166, 167; R. K. RITNER, *The Mechanics of Ancient Egyptian Magical Practice*, 4.ª ed., Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago, 2008, p. 220.

143 - Cf. G. PINCH, *Magic in Ancient Egypt*, pp. 12, 17.

144 - Cf. P. LANG, *Medicine and Society in Ptolemaic Egypt*, Leiden, Boston: Brill, 2013, pp. 83-93; J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 103.

mitologia egípcia uma feição de salvador (*šd, ched*), que com os seus poderes protectores e curativos auxiliava os doentes. Sobre estátuas de Hórus-criança (em egípcio Herpakhered; em grego Harpócrates) inscritas com textos mágicos, representando-o como uma criança,



Figs. 46 e 47. Duas estátuas mágico-curativas: o deus-menino Hórus poderosamente dominando animais perigosos (crocodilos, serpentes, escorpiões, leões, gazelas).

nua e de trança lateral caída sobre o ombro direito, em cima de crocodilos e segurando escorpiões e serpentes nas mãos, os sacerdotes-médicos derramavam água com o objectivo de que o poder curativo das fórmulas e das imagens passasse para as águas que, assim, se sacralizavam, usadas então para banhos e ingestões dos doentes<sup>145</sup>. Textos, cenas e água sintetizavam-se num produto mágico único, poderoso.

A representação iconográfica destas típicas estelas, a que se junta muitas vezes a cabeça de Bés, evidencia o simbolismo da vitória e da protecção do menino divino sobre as forças malignas hostis prefiguradas pelos animais perigosos<sup>146</sup>. As

fórmulas mágicas tinham a sua eficácia plenamente potenciada quando recitadas oralmente em voz alta, mas agiam igualmente quando estavam apenas inscritas<sup>147</sup>. A «água sagrada» purificava o doente interna (bebida) e externamente (pelos banhos). Estas estátuas curandeiras de Hórus (*cippi*) surgem apenas na Época Tardia, antes do período ptolomaico<sup>148</sup>.

Em relação à doença, portanto, as divindades egípcias cobriam todas as possibilidades: malévolas, benévolas e até ambivalentes, isto é, tanto podiam estar envolvidas na causa como na cura<sup>149</sup>. O sobrenatural era, assim, nas várias formas de que se podia revestir, a causa e a cura dos problemas de saúde. Os encantamentos terapêuticos evocando o oculto e os seus agentes tinham a intenção de ajudar a resolver/resolver os padecimentos através da magia

145 - Cf. A. R. DAVID, «The ancient Egyptian medical system», em A. Rosalie David (ed.), *Egyptian Mummies and Modern Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 185.

146 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, pp. 107, 108; G. PINCH, *Magic in Ancient Egypt*, p. 20, fig. 7. Hórus absorve as qualidades e o papel que o deus Ched desempenhava no Império Novo.

147 - Quanto maiores eram as estelas ou as superfícies inscritas, maiores eram os textos mágicos incisos. Também aqui parece ter figurado o *horror vacui* tão típico da mentalidade decorativa egípcia.

148 - Cf. H. SATZINGER, «Acqua Guaritrice: lestatue e stelemagiche ed il loro uso magico-medico nell'Egitto Faraonico», em Alessandro Roccati, Alberto Siliotti, (eds.), *La Magia in Egitto al tempi di faraoni*, Milan; Rassegna Internazionale di Cinematografia Archeologica e Arte e Natura Libri, 1987, p. 202; G. PINCH, *Magic in Ancient Egypt*, pp. 100, 101. A mais conhecida destas estátuas é a chamada Estela de Metternich, hoje no Metropolitan Museum of Art de New York (MNA 50.85), que apresenta a mais completa e menos corrupta versão de textos encantatórios contra as picadas de serpente. Data do reinado de Nectanebo II, o último faraó da XXX dinastia egípcia, imediatamente antes da Segunda Dominação Persa, em 343 a.C.

149 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 96.

em conjunção com outros procedimentos médicos convencionais e racionais (ingestão de medicamentos) ou apenas pela magia<sup>150</sup>.

O processo de cura entre os antigos Egípcios incluía igualmente o uso de amuletos (*meket*, *nehet* ou *sa*), que é talvez o mais conhecido índice da magia egípcia, cuja suposta acção positiva sobre o doente justificava na Antiguidade o contínuo recurso a tal elemento<sup>151</sup>. Podiam ser usados em colares, pulseiras, braceletes, etc. e ser feitos em diferentes materiais (pedras preciosas, semi-preciosas, lápis-lazúli, esmalte azul, bronze, madeira...). Dotado de amuletos, repletos de energia e protecção, o doente elevava as suas defesas e resistências perante o mal e, conseqüentemente, as suas probabilidades de melhoria e/ou cura. A eficácia do amuleto situa-se, no fundo, mais no domínio psicológico e da auto-sugestão do que no real e concreto. Isto não significa que fosse irrelevante no processo de cura, antes pelo contrário: a permanência desta concepção ao longo do tempo, bem atestada pelos milhões de exemplares de amuletos e talismãs que hoje podemos observar em museus de peças egípcias ou

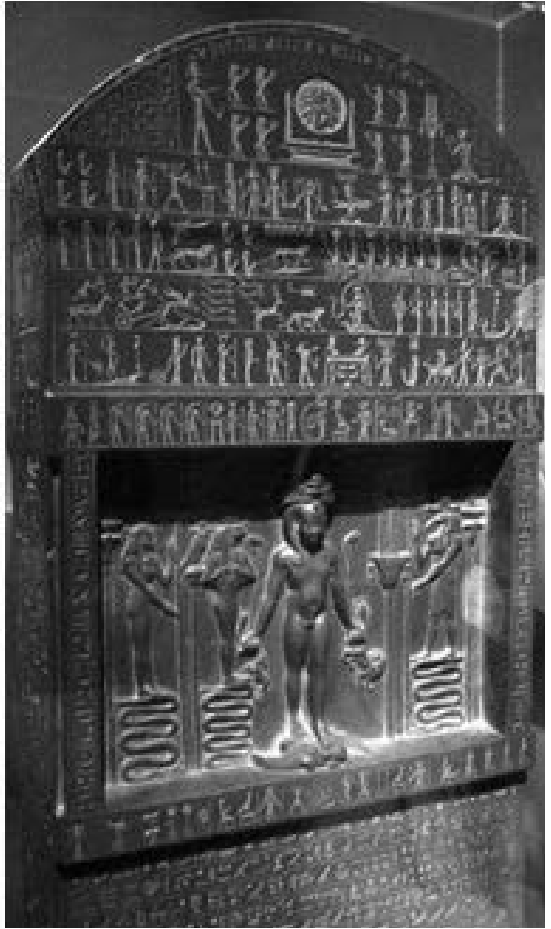


Fig. 48. A Estela de Metternich. XXX dinastia (reinado de Nectanebo II). The Metropolitan Museum of Art of New York (MNA 50.85).

150 - Sobre as doenças que eram acompanhadas por encantamentos mágicos, ver, R. K. RITNER, «Magic in Medicine», em Donald Redford (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, Oxford: Oxford University Press, 2001, pp. 327-329.

151 - G. PINCH, *Magic in Ancient Egypt*, p. 104. Das cinco categorias de amuletos estabelecidas por Flinders Petrie em 1914, a saber, «homopoeic, phylactic, theophoric, dynatic and ktematic», as três primeiras têm, segundo J. F. Nunn, considerável relevância no campo da medicina (Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 110). «Homopoeico» é o amuleto que representa o ser (humano ou animal) ou partes do seu corpo para designar a sua força, velocidade ou visão aguçada. Obedecem ao princípio mágico da *similia similibus*: captar através deles as qualidades e os atributos que se lhes associam. Pertencem a esta categoria os amuletos de olhos, de orelhas, de falos e especialmente de corações. Entre os amuletos-animais incluem-se os leões, vacas, macacos e ouriços. «Filáctico» são os amuletos protectores, incluindo os de Bés, Taueret e olho-*udjat*. Os amuletos apotropaicos de animais como os hipopótamos, crocodilos, escorpiões e tartarugas, são integráveis nesta categoria. «Teofórico» ou «teomórfico» (em forma divina) são os amuletos feitos em diferentes materiais representando divindades do panteão egípcio (Ísis, Hórus, Imhotep, Serket, Sekhmet...) ou os seus elementos identificadores (Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 110; C. ANDREWS, *Amulets of Ancient Egypt*, London: British Museum Press, 1994, pp. 14, 36).

em secções egípcias de museus espalhados por todo o mundo, são prova material da sua relevância e popularidade para os antigos Egípcios. A protecção e a ajuda na dor e no sofrimento conferem aos amuletos usados em contextos médicos ou paramédicos um valor significativo. O valor terapêutico da magia é similar ao verificado em contexto hospitalar moderno com o efeito placebo de certos «medicamentos»<sup>152</sup>.

Os anões acondroplásicos atrás mencionados estavam rodeados de uma certa importância e significado mágico, que se associa às figurinhas e amuletos com a sua forma (*pataikoi* protectores) que se usaram no Egito desde épocas muito recuadas<sup>153</sup>. A sua função era proteger os vivos dos perigos das doenças e dos venenos de animais perigosos.

O «olho de Hórus» (olho *udjat*, *wꜥḏt*), o mais poderoso e o mais conhecido dos amuletos



Fig. 49. O «olho *udjat*»: o mais poderoso e conhecido dos amuletos protectores do antigo Egito.

protectores egípcios, usado desde o Império Antigo até ao período romano, estava dotado de uma força curativa excepcional. Representa o olho do deus falcão Hórus (Hórus, o Grande, Hor Uer ou Haroéris) que lhe foi arrancado pelo deus Set durante as suas intermináveis lutas e depois tratado pelo deus Tot. Os olhos de Hórus representavam Sol (olho direito) e a Lua (olho esquerdo). O olho restaurado de Hórus, o esquerdo, o olho *udjat*, tornou-se o símbolo para o estado de perfeição. A sua iconografia é a de um olho humano com a linha cosmética emanando do seu canto, abaixo do qual se encontram as marcas do rosto de um falcão. Tornou-se um signo protector por excelência. Como amuleto, em contexto funerário, o *udjat* era colocado nas faixas das múmias ou usado como colar ou num colar. Não só ajudava a evitar que as influências malignas entrassem no organismo humano, como curava magicamente as feridas<sup>154</sup>.

A problemática da protecção mágica (também designada em egípcio, como os amuletos, *sa*) era particularmente importante quando se tratava de grávidas e de recém-nascidos<sup>155</sup>.

152 - Cf. J. F. NUNN, *Ancient Egyptian Medicine*, p. 97.

153 - Cf. W. R. DAWSON, «Pygmies and Dwarfs in Ancient Egypt», p. 188; C. ANDREWS, *Amulets of Ancient Egypt*, p. 39.

154 - C. ANDREWS, *Amulets of Ancient Egypt*, pp. 43, 44.

155 - Um dos domínios em que a informação disponível através dos papiros é extremamente rica e diversificada é o diagnóstico e tratamento das doenças das mulheres, com destaque para o conteúdo do *Papiro de Kahun* (Cf. M.-C. RICHARD, *Pharmacognosie et traitements gynécologiques en Égypte Ancienne*, l'Université François Rabelais/UFR des Sciences Pharmaceutiques de Tours, 2014 [thèse d'Exercice pour le Diplôme d'Etat de Docteur en Pharmacie]). De facto, os aspectos ginecológicos (órgãos reprodutores femininos) mereceram particular atenção por parte dos antigos

Embora a grávida não fosse objectivamente uma doente, a situação periclitante em que muitas se encontravam face à falta de condições de higiene, bem patente nas elevadas taxas de mortalidade infantil e das próprias mães no momento do parto<sup>156</sup>, suscitava a necessidade de «protecção suplementar» que era dispensada pelos rituais mágicos e comprovam a importância que a magia detinha quando se procurava proteger os mais frágeis, doentes incluídos. Quer a gravidez, quer o instante crucial do nascimento eram, em consequência, acompanhados por amuletos apropriados e pela recitação de encantamentos mágicos com o objectivo de salvaguardar o recém-nascido e a mãe das acções nefastas dos demónios, das doenças e da noite<sup>157</sup>. Colares-amuletos completavam o equipamento de talismãs ao serviço dos indefesos bebés<sup>158</sup>.

Também relacionados com a protecção das mulheres e das crianças são de referir os amuletos pendentes cilíndricos, muito característicos do Império Médio, embora continuassem a ser usados para lá do Império Novo<sup>159</sup>. Existiam duas formas: uma, em ouro, prata ou electrum, com o eixo oco, frequentemente decorado com formas granuladas ou imitando uma trança de corda, com uma tampa cónica removível em cada extremidade e com uma argola de suspensão para poder ser usado ao pescoço. No seu interior, podiam ser colocados papiros escritos com fórmulas protectoras (decretos oraculares amuléticos) para mulheres e/ou crianças<sup>160</sup>. A outra forma era sólida com um eixo de ouro ou de prata alternando com

---

Egípcios ou não fossem eles um povo que considerava a produção de descendência como vital para assegurar a vida eterna dos progenitores O próprio impacto na vida familiar das doenças femininas justificava toda a atenção que lhe conferiam. Ginecologia e obstetria no Egipto antigo são, por isso, de *per se*, temática para um texto específico, exclusivo, e, por esse motivo, não integramos neste trabalho uma reflexão integral sobre as doenças das mulheres.

156 - A este propósito, cita-se, normalmente, o caso da rainha Mutnedjemet, esposa do faraó Horemheb (XVIII dinastia), que morreu de parto (Cf. J. das C. SALES, «Amamentar no Egipto antigo: do prazer na relação materno-infantil à ideologia», em *Estudos Orientais IX. Os prazeres no Médio Oriente Antigo*, Lisboa, Instituto Oriental, Universidade Nova de Lisboa, 2006, p. 70).

157 - Cf. R. K. RITNER, «A Uterine Amulet in the Oriental Institute Collection» em *JNES* 43, n.º 3, 1984, pp. 209-221.

158 - Cf. J. das C. SALES, «Amamentar no Egipto antigo», p. 78.

159 - Há exemplares destes amuletos cilíndricos do Império Médio nas colecções do Fitzwilliam Museum (número de inventário E.12.1940: feito de ouro, com 5,1 cm de altura e 1,4 cm de diâmetro, possivelmente oriundo de Tebas), do Musée du Louvre (números de inventário E. 3316 e E. 3317, também feitos de ouro, com 5 cm de altura e 1,3 cm de largura e 5,6 cm de altura e 1,5 cm de largura, respectivamente) e do The British Museum (números de inventário EA24774 e EA 30477; o primeiro, de proveniência desconhecida, é feito a partir de ouro, com 7,6 cm de altura e 2,7 cm de diâmetro, na parte mais larga; o segundo, é feito a partir de uma liga de cobre, no qual foram inseridas três contas de ametista e duas de folha de ouro, de forma alternada, tendo 4,27 cm de altura e 1 cm de diâmetro, na parte mais larga; a sua proveniência é também desconhecida); cf. J. SANTOS, *A protecção mágica da «primeira infância» no Egipto Antigo* – tese de mestrado policopiada apresentada para defesa na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a 17 de Dezembro de 2015, pp. 107-109.

160 - Cf. C. ANDREWS, *Amulets of Ancient Egypt*, p. 42 e fig. 42; G. PINCH, *Magic in Ancient Egypt*, p. 115, fig. 60; G. ROBINS, *Women in Ancient Egypt*, London: British Museum Press, 1993, pg. 87; cf. A. K. CAPEL, G. E. MARKOE (eds.), *Mistress of the House, Mistress of Heaven: Women in Ancient Egypt*, New York: Hudson Hills Press and Cincinnati Art Museum, 1996, p. 71.



Fig. 50. Tipo 1. The British Museum, EA24774.

Fig. 51. Tipo 2. The British Museum, EA30477.

pequenas missangas de ametista, feldspato, lápis-lazúli, cornalina, turquesa ou até pedras de cristal<sup>161</sup>.

Da mesma forma, chegaram até nós curiosos bastões, normalmente feitos de dentes de hipopótamo, que a bibliografia da especialidade designa de várias formas (magic wand, apotropaeic wand, flat wands, magical knives, knives, birth hippopotamus-tusks), destinados também a auxiliar no momento do parto: repletos de incisões com figuras de serpentes, leões, crocodilos, babuínos, touros, tartarugas, escaravelhos, rãs e da deusa Taueret e do deus Bés, armados de pu-

nhais e facas ou com o laço-signo *sa* («protecção»), eram colocados sobre o ventre da grávida precisamente com o objectivo de a proteger. A força do animal de que eram feitos ou dos deuses e animais que neles estavam inscritos passava-se magicamente para a mulher «enfraquecida» e «desprotegida»<sup>162</sup>. Admite-se também que estes objectos apotropaicos pudessem ser usados para desenhar círculos protectores no chão à volta do local onde a mulher dava à luz ou onde a criança descansava ou dormia.

Fig. 52. “Varinha mágica”: a magia protectora ao serviço das grávidas, parturientes e bebês egípcios.



161 - Cf. C. ANDREWS, *Amulets of Ancient Egypt*, p. 42.

162 - Cf. J. das C. SALES, «Amamentar no Egito antigo», p. 79; G. PINCH, *Magic in Ancient Egypt*, pp. 40- 42, 130, 131.

A falta ou escassez de leite era um dos tormentos mais terríveis que amedrontavam as mães egípcias e que punham em perigo a vida dos bebês. Como nada podia substituir o leite materno, as mães com problemas recorriam também a fórmulas mágicas destinadas à sua superação e à produção de muito leite<sup>163</sup>.

Certos encantamentos mágicos que chegaram até aos nossos dias deixam perceber que os antigos Egípcios responsabilizavam os defuntos e os demónios pelos abortos que sobrevinham às grávidas. Em consequência, há jóias amuléticas (braceletes, pulseiras, colares, cintos pélvicos, etc.) destinadas à proteção das mulheres em idade fértil, sobretudo das mais jovens.

No antigo Egipto, no âmbito desta concepção conferida às forças sobrenaturais, a placenta (*mut-remetj*) e o cordão umbilical (*khepa*) gozavam de forte reputação mágica, bem como versões em miniatura das facas que eram usadas para o cortar<sup>164</sup>. Na necrópole de Deir el-Medina, na margem ocidental do Nilo, na região de Tebas, encontraram-se enterradas várias placentas e diversos materiais orgânicos associados ao nascimento<sup>165</sup>.

Uma última palavra para a dimensão mágica detectável nas orações inscritas nas chamadas «estelas de orelhas». Os pedidos de intercessão divina eram fundamentais nas artes curativas. O poder mágico da inscrição votiva numa estela de um templo do Império Novo era aumentado significativamente ao acrescentar imagens de orelhas para que o deus pretendido ouvisse com maior facilidade o pedido do peticionário. Dedicadas a deuses como Ptah, Hator, Amon-Ré, Ahmés Nefertari (rainha) e Ramsés II (rei), as «estelas de orelhas» expressavam a crença de que esses deuses, «aqueles que escutam as orações», iriam seguramente interferir e ajudar os doentes a aliviar os seus sofrimentos.

As «estela de orelhas», enquanto elemento mágico, manifestam uma convicção plena de



Fig. 53. Quando magia e a piedade pessoal se encontram: «Estela de orelhas» do artesão Bai encontrada no recinto do templo de Hator, em Deir el-Medina. Império Novo. XIX-XX dinastia. Calcário. 24,5 cm.

163 - Cf. J. das C. SALES, «Amamentar no Egipto antigo», pp. 80, 81.

164 - Cf. G. PINCH, *Magic in Ancient Egypt*, p. 153.

165 - Cf. J. das C. SALES, «Amamentar no Egipto antigo», p. 80.

fé na disponibilidade do deus em escutar e atender a oração do homem, directamente, sem intermediário, no âmbito de uma piedade religiosa sustentada e desenvolvida numa base pessoal, individual.

## Conclusão

A maioria das representações artísticas que nos chegou do antigo Egipto destaca-se pela sua perfeição, harmonia e beleza. As figuras humanas, em particular a representação de faraós, rainhas, príncipes e proprietários de túmulos, são marcadas pela feição idealizada, aparecendo quase sempre com corpos belos, esbeltos, saudáveis. Inconscientemente, parece que não há doença, sofrimento ou velhice. É verdade que, quando se trata de figuras menores, o cenário se altera: estes são representados com as suas deformidades, as suas incapacidades, as doenças, o sofrimento<sup>166</sup>. No entanto, a nossa percepção da antiga cultura egípcia afasta essas imagens e força-nos a considerar o belo, o perfeito e o harmonioso como sinónimos de Egipto antigo. Aquelas são imagens anormais que remetem para a *isefet* e suas manifestações; estas tranquilizam-nos e remetem para a *maet*, para o ordenado e equilibrado.

Não se pode afirmar que a medicina egípcia tenha sobrevivido na medicina actual. Fazê-lo é ignorar os inúmeros contributos e avanços que, ao longo da História, este domínio conheceu e minorá-los. No entanto, como bem reconhece Robert K. Ritner, não se podem também, ao contrário, ignorar ou desprezar alguns contributos que o Egipto forneceu, nomeadamente ao mundo clássico grego e romano<sup>167</sup>. Nesse aspecto, as terapêuticas naturais, com o seu vasto número de substâncias vegetais e animais, foram aceites e integradas na farmacopeia grega por respeito pelas suas qualidades e características. A escola médica de Cnido, por exemplo, através da sua noção destrutiva *perittoma*, foi particularmente devedora do conceito egípcio de *uekhedu*, da mesma forma como os Gregos de Alexandria absorveram os tratamentos egípcios de depuração corporal, designadamente os clisteres. Há igualmente quem aceite que a técnica da pulsação que o médico alexandrino Herófilo desenvolveu tem as suas origens nas técnicas e procedimentos dos antigos médicos, sacerdotes e embalsamadores egípcios («medir o coração»), embora estes não dominassem o conceito de circulação sanguínea, não distinguissem veias e artérias, nem soubessem que o sangue voltava ao coração<sup>168</sup>.

Concomitantemente, as práticas de recitar encantamentos enquanto se tomavam medicamentos ou de dotar os doentes e os mais desprotegidos de amuletos protectores inscrevem-se no contexto cultural antigo e elucidam-nos sobre a força e efeitos que, consciente

---

166 - Cf. H. MAHRAN, S. M. KAMAL, «Physical Disability in Old Kingdom Tomb Scenes», p. 170.

167 - Cf. R. K. RITNER, «Innovations and Adaptations in Ancient Egyptian Medicine», p. 116.

168 - Cf. E. STROUHAL, *A Vida no Antigo Egipto*, p. 245; R. K. RITNER, «Innovations and Adaptations in Ancient Egyptian Medicine», p. 115.

ou inconscientemente, se lhes reconheciam e delas advinham. Dinamizando-as está uma força propulsora de todos os tempos e de todos lugares, comunidade após comunidade: eliminar a doença e todas as suas manifestações. Esse desejo ou essa finalidade utópica ainda hoje nos move.